

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MAYCON DOUGLAS NUNES

A NOMOFOBIA ASSOCIADA A FOBIA SOCIAL E OUTROS PREDITORES
PSICOLÓGICOS: Uma Revisão Integrativa no período de 2009 a 2018.

Juína-MT

2019

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

MAYCON DOUGLAS NUNES

**A NOMOFOBIA ASSOCIADA A FOBIA SOCIAL E OUTROS PREDITORES
PSICOLÓGICOS: Uma Revisão Integrativa no período de 2009 a 2018.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES – Faculdade do Vale do Juruena como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Marileide Antunes De Oliveira.

Juína-MT

2019

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

Linha de Pesquisa: Nomofobia e Fobia Social.

NUNES. Maycon Douglas. **A NOMOFOBIA ASSOCIADA A FOBIA SOCIAL E OUTROS PREDITORES PSICOLÓGICOS:** Uma Revisão Integrativa no período de 2009 a 2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2019.

Data da defesa: 28/05/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Nota/Conceito

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Marileide Antunes De Oliveira

ISE/AJES

Membro Titular: Prof. Me. Victor Cauê Lopes

ISE/AJES

Membro Titular: Profa. Ma. Marina Silveira Lopes

ISE/AJES

Local: Associação Juinense de Ensino Superior

AJES – Faculdade Do Vale Do Juruena

Unidade Sede, Juína-MT

DECLARAÇÃO DE AUTOR

Eu, Maycon Douglas Nunes, portador da Cédula de Identidade- RG nº 1858914-6 SSP/MT, e inscrito no Cadastro de Pessoas físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 051.542.561-31, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A Nomofobia Associada a Fobia Social e Outros Preditores Psicológicos: Uma Revisão Integrativa no período de 2009 a 2018” pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo ainda a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita à fonte ao autor.

Juína, _____, _____ de 2019.

Maycon Douglas Nunes

DEDICATÓRIA

Aos amigos, por todo o apoio e motivação dado a mim no decorrer desta trajetória de muita luta e esforço.

Aos familiares, pela contínua contribuição na minha formação ética e moral que sempre prezou e prezará pelo respeito ao próximo e às diferenças.

Aos docentes que fizeram parte integral ou parcial de minha formação acadêmico-científica.

À coordenadora do Curso de Bacharelado em Psicologia e minha orientadora Profa. Dra. Marileide Antunes De Oliveira pelo auxílio na construção e elaboração deste trabalho.

EPÍGRAFE

*“Não posso fugir da minha vida, nem regressar a
tempo ao outro tempo”.*

Frida Kahlo

RESUMO

Esta monografia trata da nomofobia, sendo o medo da impossibilidade de se comunicar via meios virtuais, ou seja, a fobia de estar sem o telefone celular, computador e/ou internet. O assunto foi tratado no Brasil, inicialmente, através da obra intitulada nomofobia. Ao analisar toda uma narrativa a respeito de informações que estão correlacionadas ao uso abusivo dessas tecnologias notamos a importância de se debater mais acerca desta proposta, e como esta temática é tratada. O objetivo é identificar o que dizem os estudos sobre a nomofobia associada a fobia social, como também verificar a presença de outros preditores psicológicos. O método aplicado no estudo a revisão integrativa em artigos científicos que abordem a nomofobia associada a fobia social e outros preditores psicológicos. As etapas do processo de seleção são: a elaboração da pergunta norteadora, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa. Os resultados indicam que vários sintomas centrais parecem relevantes na identificação da comorbidade da Fobia Social junto a nomofobia, pode-se assimilar também a dependência em internet a outros transtornos dependentes, depressivos, ansiosos e fóbicos. Observa-se também que há um grande impacto no trabalho, autoestima e qualidade de vida.

Palavras-chave: Fobia Social; Nomofobia; Dependência em Internet.

ABSTRACT

This monograph deals with nomophobia, being the fear of being unable to communicate via virtual means, that is, the phobia of being without the cell phone, computer and / or internet. The subject was treated in Brazil, initially, through the work titled nomophobia. When analyzing a whole narrative about information that is correlated to the abusive use of these technologies we note the importance of discussing more about this proposal, and how this theme is treated. The aim is to identify what studies say about the nomophobia associated with social phobia, as well as to verify the presence of other psychological predictors. The method applied in the study integrative review in scientific articles that address the nomophobia associated with social phobia and other psychological predictors. The stages of the selection process are: the elaboration of the guiding question, data collection, critical analysis of the included studies, discussion of the results and presentation of the integrative review. The results indicate that several central symptoms seem relevant in the identification of comorbidity of Social Phobia along with nomophobia, one can also assimilate dependence on the Internet to other dependent, depressive, anxious and phobic disorders. It is also observed that there is a great impact on work, self-esteem and quality of life.

Keywords: Social Phobia; Nomofobia; Internet Addiction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Uso Do Telefone Móvel Celular (Horas Por Dia) No Gandhi Medical College, Bhopal.....	20
Figura 2 - Percentual De Pessoas Que Utilizaram A Internet, No Período De Referência Dos Últimos Três Meses, Na População De 10 Anos Ou Mais De Idade, Por Grandes Regiões - 2008/2015	23
Figura 3 - Percentual Das Pessoas Que Utilizaram A Internet, No Período De Referência Dos Últimos Três Meses, Na População De 10 Anos Ou Mais De Idade, Por Grupos De Idade - Brasil - 2011-2015.....	24
Figura 4 - Percentual De Domicílios Com Acesso À Internet Por Meio De Microcomputador E Somente Por Meio De Outros Equipamentos – Brasil (2004-2015)	26
Figura 5 - Fluxograma Do Resultado Da Pesquisa	32
Figura 5 – Número De Artigos Encontrados Nas Combinações De Acordo Com O Idioma ..	33
Figura 6 – Percentual Total De Artigos Encontrados De Acordo Com O Idioma Pesquisado	34
Figura 8 - Fluxo Dos Artigos Excluídos.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição Do Processo De Pesquisa Dos Artigos.....	60
Quadro 2 - Referências Excluídas Entre Os Artigos Pré-Selecionados	64
Quadro 3 - Descrição Dos Artigos Selecionados	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO	16
1.1 A NOMOFOBIA: O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO DOS INDIVÍDUOS.....	16
1.2 PREDITORES PSICOLÓGICOS DA NOMOFOBIA E A COMORBIDADE COM A FOBIA SOCIAL.....	20
1.3 O INDIVÍDUO E A SUA RELAÇÃO COM O TELEFONE CELULAR, O COMPUTADOR E A INTERNET NO BRASIL	22
1.4 O JOGO PATOLÓGICO NAS NOVAS MÍDIAS	26
2 METODOLOGIA.....	29
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	29
2.2 QUESTÃO DA PESQUISA.....	29
2.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	29
2.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA	30
2.5 ANÁLISE DOS DADOS	30
3 RESULTADOS	32
4 DISCUSSÃO	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	59

INTRODUÇÃO

De acordo com King (2014), a etiologia do termo nomofobia é inglesa oriunda da expressão *no-mobile*, em tradução literal “sem celular”, juntamente a palavra grega *fobos* (fobia ou medo). Trata-se do medo da impossibilidade de se comunicar via meios virtuais, ou seja, a fobia de estar sem o telefone celular, computador e/ou internet. O assunto foi tratado no Brasil, inicialmente, através da obra intitulada nomofobia. O projeto enfatiza a obsessão e o aumento no uso de celulares e computadores na atualidade, e seu respectivo impacto sobre o indivíduo e suas relações pessoais. Na obra os autores buscaram responder questões referentes aos transtornos sociais que seus pacientes/clientes apresentavam decorrente do uso abusivo de novas tecnologias. (KING, 2014; OLIVEIRA et al., 2017)

A nomofobia não é um assunto unicamente do âmbito psicológico ou psiquiátrico. A mesma pode ser exposta em diversos ambientes de interação social, um deles é o ambiente organizacional. No trabalho, o problema pode se revelar devido a disponibilidade de tempo exigida pelas empresas sobre o funcionário e colaborador, seja onde estiverem. Isto torna-se fundamental para as organizações que precisam deles com plena saúde e bem-estar. (OLIVEIRA et al., 2017)

O desenvolvimento de telefones celulares como parte da modernidade permitiu múltiplos benefícios, além do simples fato de fazer ligações e enviar mensagens. Como os telefones celulares, especificamente os *smartphones*, permitem o acesso à *internet*, cada vez mais jovens fazem uso desses benefícios, adaptando-os a seus interesses particulares, constituindo-se, assim, em uma grande demanda por eles. No entanto, há pessoas que adotam comportamentos negativos, distorcendo sua visão da realidade relacionada ao uso de telefones celulares. (SINGH & BROWN, 2014)

Os indivíduos que apresentam um *déficit* na capacidade de controlar o uso da internet, levando à perda progressiva de controle, necessitam de um olhar mais atento frente aos critérios de dependência da internet, esta dependência mostra efeitos sociais negativos, em que os dependentes em internet a utilizam como uma ferramenta social e de comunicação. Isto ocorre, pois, os mesmos, vivenciam níveis mais elevados de prazer e satisfação quando estão conectados do que na vida real. (ABREU et al, 2008)

As inovações tecnológicas são essenciais para toda a população, fomentando a praticidade e universalização de informações e conteúdo, desempenhando grandes benefícios.

Porém é importante que se compreenda que nem tudo que se encontra dentro de uma realidade virtual não é de fato real. Nisto, devemos enfatizar os possíveis efeitos e influência que as tecnologias estão desencadeando no mundo, em um cenário que os indivíduos se encontram cada vez mais escravos dela e o seu papel de auxílio acaba ficando em segundo plano. A dependência é um dos fatores que estão inoculados a um estilo de vida mais restrito, decorrente deste uso inadequado. (KING, 2014)

A mudança de hábitos na atualidade é muito expressiva e perceptível. As novas tecnologias, mais precisamente as tecnologias móveis, como *smartphones* e *tablets* estão na ponta de uma discussão a respeito de sua influência sobre as relações intrapessoais, interpessoais e de trabalho. Este fato fomentou a inúmeros pesquisadores a buscar as reais consequências relacionadas ao uso excessivo destes aparelhos e demais tecnologias em seus mais variados aspectos: clínico, cognitivo-comportamental, social e ambiental. (KING, 2010; OLIVEIRA et al., 2017)

Estudos sobre a análise da comunicação de indivíduos por meio das novas tecnologias apontaram alguns hábitos que foram desenvolvidos no decorrer do seu uso, entre estes estão inclusos sentimentos (positivos ou negativos), sintomas e emoções que requerem mais investigações e análises adicionais. Entre os aspectos “positivos” desses hábitos, estão a conveniência, o conforto e a disponibilidade, em contramão a estes, temos a dependência patológica, medo e ansiedade. Concomitante a estas evidências, nota-se a importância de uma revisão sistemática do que há a respeito do tema e sua relação direta às fobias. (KING et al, 2010)

Os trabalhos realizados sobre o impacto psicológico do uso de novas tecnologias no âmbito pessoal, grupal e social relatam a influência direta às mudanças de comportamento e hábitos. Baseado nisto e em uma provável relação do uso exacerbado das novas tecnologias com os transtornos fóbicos, a produção deste trabalho torna-se relevante ao considerar e compreender os potenciais efeitos em relação a aprendizagem, cognição social, personalidade, relacionamentos, entre outros. Nesta pesquisa sobre a nomofobia e sua relação com os transtornos fóbicos, quando é citado a terminologia “novas tecnologias”, está se referindo às diversas tecnologias que são utilizadas na troca de experiências e informações entre o indivíduo e o espaço através de ambientes virtuais. Essas tecnologias podem incluir computadores, *notebooks*, *tablets*, telefones celulares e outros meios de informações e interações que envolvam a *cybercultura* (NICOLACI-DA-COSTA, 2006).

A sociedade e as tecnologias de comunicação e informação sempre estiveram intrínsecas. Desde os primórdios, teve por objetivo a otimização do tempo e fortalecimento das interações e relações entre indivíduos. No entanto, as tecnologias digitais e a ascensão da internet e redes sociais influenciaram fortemente o estilo de vida da população, introduzindo-a a uma nova dinâmica social. Baseado nisto, estudos do Laboratório de Pânico e Respiração (LABPR) do Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro iniciaram no ano de 2008 estudos sobre as mudanças cognitivo-comportamentais, sociais e familiares nos assistidos do ambulatório (KING et al, 2014).

A ansiedade, o medo e a fobia apresentam diferentes básicas. A ansiedade nada mais é que uma reação fisiológica (entre estas o tremor, angústia, taquicardia, etc.) decorrente de um estressor (o perigo), ou seja, um preparo do corpo a uma situação de fuga ou enfrentamento. O medo trata-se da forma como interpretamos uma situação de perigo ou risco, tendo a presença ou não da ansiedade. E a fobia é um medo atípico, não-regular e irracional que interfere no dia-a-dia, e afetando a saúde mental e qualidade de vida dos indivíduos que a possuem (KING, 2014).

Estes estudos são pioneiros no Brasil e mostraram que o uso exacerbado de computadores, *smartphones* e *tablets* estavam inferindo e alterando os hábitos pessoais e, conseqüentemente, ocasionando mudanças comportamentais que infligem prejudicialmente a qualidade de vida. Em um dos casos, onde um indivíduo apresenta Transtorno de Fobia Social, observou-se que este fazia uso do computador como um “escudo” de proteção e esquiva quando entrava em contato com indivíduos em ambientes não-virtuais, ou seja, face-a-face. Há inúmeros benefícios que as tecnologias podem promover como a segurança, conforto e globalização. Porém, transtornos, dependência patológica e comportamento ansioso são umas das conseqüências decorrentes do uso indevido destes dispositivos (KATZ & AAKHUS, 2002; KING et al, 2014).

Na sociedade contemporânea, novas fobias surgem relacionadas aos avanços tecnológicos como as chamadas tecnofobias que dão uma sensação de desconforto em relação às tecnologias (com ênfase nas emergentes e avançadas), a ciberfobia e a nomofobia. Com o surgimento do telefone celular em 1983, o mesmo tem mostrado uma crescente difusão mundial que o coloca como uma tecnologia dominante, difundida e essencial nos dias de hoje. Baseado nisto, procura-se expor neste trabalho o que há de concreto referente a nomofobia tendo como comportamento comórbido a fuga das relações sociais. Portanto, o objetivo geral desta

monografia é identificar o que dizem os estudos sobre a nomofobia associada a fobia social, como também verificar a presença de outros preditores psicológicos por meio de uma revisão integrativa (AMTA, 2003; KATZ & AAKHUS, 2002; MCCOMBS & BROSNAN, 1998).

O trabalho é estruturado por 5 tópicos, sendo o primeiro a introdução onde é possível ter uma visão sintetizada e elucidada do tema abordado que é a nomofobia e sua associação com a fobia. O segundo é a fundamentação onde estão expostos índices e percentuais dos usuários da *internet* e outras ferramentas, além de trazer à tona o impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos, os preditores psicológicos, a comorbidade com a fobia social e um tópico extra sobre o jogo patológico nas novas mídias. O terceiro é a metodologia onde abrange todo o processo metodológico, desde a realização da pesquisa até o processamento dos dados. O quarto é os resultados que expõe de forma sucinta e quantitativa os artigos escolhidos, analisados e excluídos desta monografia. O quinto trata-se das discussões dos artigos encontrados, onde as ideias, objetivos e resultados dos artigos encontrados são explicitados de modo que o leitor tenha plena compreensão. O tópico de discussões aglomera um total de 34 artigos comentados e debatidos com o conteúdo pertinente ao tema desta produção.

1 FUNDAMENTAÇÃO

O transtorno de fobia social é caracterizado por intensa e marcante ansiedade em situações sociais que envolvem contato e interações interpessoais que causem uma ansiedade extrema e interfiram no cotidiano de um indivíduo. O transtorno deve inferir significativamente em pelo menos uma área importante da vida do indivíduo, tais como, o trabalho, a vida social, as atividades escolares e acadêmicas ou lazer (DSM-V, 2013).

O DSM é uma ferramenta padronizada e validada para avaliar transtornos psiquiátricos. A quinta versão do manual foi lançada em maio de 2013 e desde então um grupo, intitulado um Grupo de Trabalho de Ansiedade do DSM-V apresenta sugestões referente a mudanças nos critérios de diagnóstico de fobias específicas, propondo uma possível inserção da Nomofobia por meio de um relatório que mostrava a literatura de modo abrangente, abordando sua relevância clínica e suas características epidemiológicas, escalas psicométricas e proposta de tratamento. Após esse período, optou-se em não a incluír no DSM-V, onde os efeitos psicopatológicos das novas mídias são vistos e estudados com mais atenção e periodicidade, despertando um maior interesse na temática e cautela para não rotular seus critérios como comportamentos patológicos normais (BRAGAZZI & PUENTE, 2014).

A Internet está sendo integrada na rotina dos indivíduos de modo globalizado. O seu processo de crescimento foi tão incisivo que alterou expressivamente o atual cenário de comunicação mundial, com um aumento considerável no número de usuários da Internet na última década em todas as partes do globo. O avanço da mídia e das tecnologias emergiu como uma ferramenta eficaz na eliminação das barreiras geográficas humanas. Por isso se dá a importância de uma compreensão científica a respeito da nomofobia. Nos tópicos a seguir, veremos o que se discute sobre a temática e sua relação com a fobia social, abordando outros espectros que se intercalam e os infligem. (KUMAR et al, 2018)

1.1 A NOMOFOBIA: O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO DOS INDIVÍDUOS

A crescente inserção de novas tecnologias e ferramentas de comunicação virtual como computadores pessoais, *notebooks*, *smartphones* e *tablets* estão mudando hábitos e comportamentos da população mundial, como também nas formas de percepção da realidade. O mundo cibernético e/ou da internet possui um potencial de influência tão grandioso que está

presente na criação de linguagens e jargões. Em um trabalho precursor sobre a dependência da Internet, Hoffman conceitua o paradoxo que existe no uso de novas mídias, defendendo a tese de que estas implicam mais benefícios do que desvantagens em um curto período, enquanto a longo prazo, percebe-se a ativação de mecanismos e processos que levam a comportamentos aditivos, dependentes e impulsivos. (BRAGAZZI & PUENTE, 2014; GREEN, 2007)

As novas mídias podem apresentar alguns benefícios e aspectos positivos, tais como: facilitar a troca de informação e comunicação, permitir que pessoas rompam barreiras geográficas (passando uma impressão de proximidade espacial). Contudo, também são caracterizadas pela ausência de uma comunicação presencial, afetando interações sociais, levando ao isolamento social, alienação, problemas econômicos, patologias físicas (como lesões por esforço repetitivo) e psicológicas, além de outras problemáticas não menos importantes como danos relacionados à radiação do campo eletromagnético, acidentes automobilísticos e ansiedade ligada ao medo de não poder usar novos dispositivos tecnológicos. (BERANUY, 2009; SAMKANGE-ZEEB, F; BLETTNER, 2009)

As características clínicas da nomofobia são multifatoriais, onde pode ser exemplificada por diferentes formas: como o uso impulsivo das novas tecnologias, como um escudo protetor, como mecanismo de defesa, como um objeto transicional (utilizado pelo indivíduo para suportar a ausência dos pais quando criança ou adolescente) ou como meio de evitar a comunicação e o contato social. Outros comportamentos mais específicos também podem ser identificados, por exemplo: usar demasiadamente o telefone celular e assim ocupando um tempo considerável; ter um ou mais dispositivos tecnológicos; levar o carregador ou fonte de energia para todos os lugares que for; sentir-se ansioso ou apresentar *stress* quando apenas imaginar uma possível perda do próprio aparelho, não estiver próximo dele, perdê-lo ou não poder utilizá-lo por falta de cobertura da rede ou de crédito; evitar lugares onde o uso de dispositivos tecnológicos são proibidos (como transporte público, restaurantes, teatros e aeroportos); verificar excessivamente a tela do telefone para verificar a chegada de mensagens ou se chamadas não foram perdidas; manter o aparelho sempre conectado e até levando-o para a cama; evitar contato e interações sociais em ambientes não virtuais com humanos, pois isto lhe ocasionaria ansiedade, desconforto e *stress*; apresentar-se mais comunicativo em ambientes virtuais; e incorrer em dívidas ocasionadas por fatores intrinsecamente ligados a uso das novas tecnologias (KRAUT, 1998; RIBAK, 2009).

O conceito de nomofobia é relativamente novo, no que resulta em um número limitado de métodos de tratamento aceitos para ela. Entre os tratamentos indicados temos a combinação de psicoterapia e algumas intervenções farmacológicas. A psicoterapia cognitivo-comportamental tem sido sugerida como a mais eficaz, mesmo não havendo estudos randomizados. Esta é uma terapia breve, com sessões estruturadas e objetivos específicos. A sua metodologia é sistemática e seus objetivos e tarefas são explícitos ao cliente; tanto o cliente quanto o terapeuta têm papéis ativos (KING et al., 2014).

A proposta para a nomofobia é ligar interpretações catastróficas de eventos e condicionar os medos, percepções sensoriais e comportamentos de evitação do cliente. As estratégias de distração são um dos métodos ensinados e os clientes são encorajados a manter interações, conversas e relacionamentos em espaços não-virtuais. Otimizar o tempo direcionado ao uso do telefone celular e conexões on-line, estimular a prática de esportes, técnicas de respiração podem ser formas de enfrentamento alternativas. A "abordagem de realidade" também é altamente recomendada, nesta pede-se ao cliente para observar seus próprios comportamentos junto a entrevistas motivacionais. (BRAGAZZI & PUENTE, 2014; KING et al, 2014)

Em uma publicação da Associação de Psiquiatria Industrial da Índia no Jornal de Psiquiatria Industrial no ano de 2018, o uso da Internet é exposto como uma ferramenta importante na atualidade, principalmente no meio acadêmico. As alterações de humor e incapacidade de manejar o tempo gasto com a *internet*, a abstinência, o menor tempo disponibilizado para a vida social, dificuldades de trabalho ou acadêmicas e baixa autoestima são alguns dos comportamentos identificados entre universitários. Nesta pesquisa indiana, explorou-se o uso da Internet e sua relação com a psicopatologia e a autoestima entre universitários. Foram selecionados 200 estudantes de diferentes instituições de ensino superior de Kolkata por meio de uma amostra aleatória, então concluiu-se que há um impacto muito elevado decorrente da dependência de internet neste público, sendo a ansiedade e depressão as principais implicações, como consequências secundárias ficaram as dificuldades na vida social e relações com a família (KUMAR et al, 2018).

Há uma crescente preocupação no mundo acerca do que tem sido rotulado como *Internet Addiction*. Goldberg a propôs inicialmente como um distúrbio, enquanto Griffith a compreendia como um subconjunto do vício comportamental que abrange os seis "componentes centrais" da dependência, são eles, a proeminência, a modificação do humor, a tolerância, a abstinência, o conflito e a recaída (BEARD, 2005).

Os sinais de alerta referente ao cotidiano dos indivíduos são diversos, como: a preocupação excessiva com atividades que fizeram ou que farão na *internet*; o uso persistente da internet como forma de satisfação ou suprir o desejo em acessá-la; tentativas fracassadas ou má-sucedidas ao tentar controlar; reduzir ou interromper o seu uso; sentir-se inquieto ou apresentar mau humor, depressão ou irritabilidade quando tentar diminuir a frequência em que se utiliza as novas tecnologias; reduzir o uso da internet; manter-se conectado por um tempo superior ao pretendido inicialmente; a perda de relacionamentos ou de oportunidades de trabalho e o prejuízo no processo educacional ou de carreira decorrente do uso da internet; mentiras para a família, terapeuta ou qualquer outra pessoa no intuito de amenizar ou ocultar o a extensão do envolvimento com as novas tecnologias e a internet; usar a internet ou aparelhos digitais como um meio de fuga dos problemas ou uma forma de alívio do humor disfórico (por exemplo, sentimentos de desesperança, culpa, ansiedade e depressão); apresentar sentimento de culpa acerca do uso exacerbado; e sentir-se eufórico ao desenvolver atividades que envolvam as novas tecnologias ou internet (KUMAR et al, 2018).

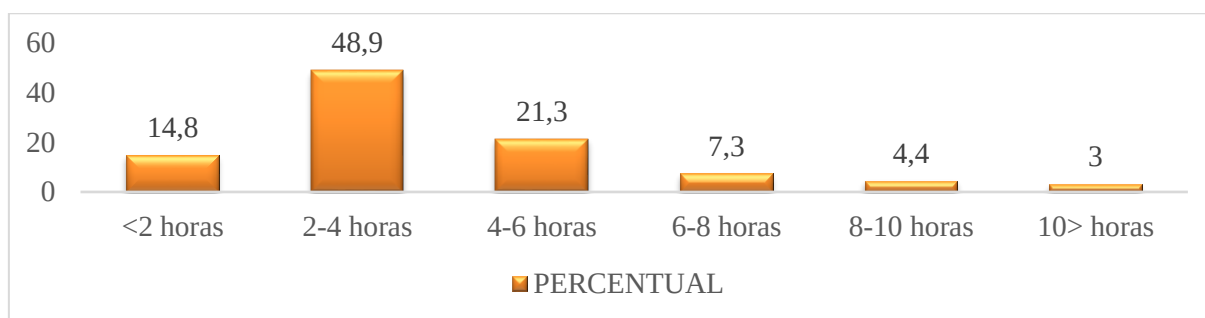
O uso excessivo de telefones celulares predispõe ao comportamento não verbal, limitando a interação face a face com a outra pessoa e o contato com o ambiente ao nosso redor, em concomitância sujeitos que utilizam smartphones e são dependentes destes, têm sido associados a algumas patologias como depressão, ansiedade, *déficit* de atenção e comportamento agressivo. Além disso, um estudo conduzido no Reino Unido para 251 pessoas, entre 18 e 66 anos, constatou que 69,32% apresentaram pelo menos uma vez, um comportamento de ignorar a outra pessoa durante uma conversa em detrimento do uso do celular (ato conhecido pelo termo *phubbing*) interferindo na comunicação interpessoal pelo menos uma vez, e 8,76% têm uma duração deste evento maior que uma hora por dia, sendo mais prevalente em mulheres. Como esse comportamento está em ascensão, é importante considerar as possíveis consequências que isso pode ter, afetando a saúde física, psicológica e social. (KARADAĞ et al., 2015; CHOTPITAYASUNONDH, 2016)

No ano de 2013, na Austrália, a palavra *phubbing* foi introduzida pela primeira vez no famoso dicionário *Macquarie*, isso decorre da união dos termos *telefone* (telefone) e *desprezo* (desprezo); aludindo ao comportamento de ignorar a outra pessoa durante uma conversa sobre o uso do celular, interferindo na comunicação interpessoal. O *phubbing* tem uma estrutura multidimensional, porque estes dispositivos inteligentes têm funções diferentes; assim, esse termo refere-se ao vício do celular e, com ele, aos benefícios que oferece, como: internet, redes sociais (os mais comuns, *Facebook* e *Twitter*) e videogames, jogos *online* ou computador;

considerando o vício a esses fatores como predisponentes para o desenvolvimento dessa condição. (KARADAĞ et al., 2015)

Estudos realizados na Austrália mostram que há uma relação entre a nomofobia e a geração mais jovem. Um dos fatores seria que o público que mais consome as novas tecnologias é em sua maioria universitários independentemente das condições socioeconômicas. Em um destes trabalhos buscou-se descobrir a prevalência da nomofobia na *Gandhi Medical College, Bhopal*, sendo os objetivos: descobrir a proporção de alunos de graduação que apresentam nomofobia; e avaliar o grau de nomofobia entre os estudantes fóbicos, vide figura 1 (SETHIA, 2018).

Figura 1 – Uso Do Telefone Móvel Celular (Horas Por Dia) No *Gandhi Medical College, Bhopal*.



Fonte: A study to assess the degree of nomophobia among the undergraduate students of a medical college in Bhopal, 2018.

O estudo foi conduzido em um total de 473 estudantes, sendo a porcentagem de participantes do sexo feminino 51,6%, a de participantes que estavam no primeiro ano profissional 23,6% e a maioria dos que participaram do estudo pertenciam à faixa etária de 20 a 22 anos. Concluiu-se que 291 (61,5%) participantes apresentaram o nível moderado de nomofobia, 6,1% apresentaram um nível alto e apenas um participante não apresentou nenhum grau que indicasse o seu vício. Os participantes na faixa etária de 20 a 22 anos foram os que mais apresentaram indícios de vício, sendo os que mais pontuaram nos níveis leve e moderado usando as novas tecnologias de 2-4 e 4-6 horas por dia (SETHIA, 2018).

1.2 PREDITORES PSICOLÓGICOS DA NOMOFOBIA E A COMORBIDADE COM A FOBIA SOCIAL

A nomofobia não se diferencia de outras fobias, neste caso, um indivíduo ansioso que possui diagnóstico primário passa a ser dependente de uma tecnologia (*notebook, smartphone,*

internet, entre outros) como um mecanismo de minimizar a dificuldade (estressor). Esta dependência incita a sensação de segurança e bem-estar, diminuindo o *stress*. Na impossibilidade de acesso a estas tecnologias e/ou de se manter uma comunicação por esses meios, sentimentos de ameaça e perigo passam a assolá-lo. Os preditores psicológicos mais relevantes são: personalidade, inteligência emocional (autorregulação do estado afetivo), habilidades sociais, habilidades de ajustamento, autoestima, tabagismo, consumo de álcool e drogas, outras psicopatologias em comorbidade, além do gênero e status socioeconômico. (KING et al., 2014; BIANCHI & PHILLIPS, 2005)

Os preditores psicológicos de algum transtorno ou psicopatologia são de grande relevância clínica durante a realização de triagem, diagnóstico e prognóstico do cliente/paciente. O uso problemático de dispositivos móveis pode ser percebido pelas seguintes características: indivíduos jovens, pensamentos negativos, baixa autoestima e baixa autoeficácia, extroversão e/ou introversão). Os comportamentos impulsivos e a sensação de urgência também podem estar relacionados ao uso excessivo de telefones celulares. (BIANCHI & PHILLIPS, 2005)

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o diagnóstico de quadros fóbicos não exige mais que pacientes que possuem dezoito anos ou menos tenham que reconhecer e/ou qualificar seu sentimento de medo como excessivo ou irracional, isto se dá mediante ao fato do mesmo sobre-estimar o possível perigo que o evento fóbico ou estressor possa oferecer. O tratamento consiste desde o farmacológico (uso de antidepressivos) até o uso de psicoterapias (como a Terapia cognitivo-comportamental), além de outros meios que podem contribuir como a acupuntura, ioga e/ou atividades físicas (porém sempre concomitante as duas primeiras formas de tratamentos citadas). Com o tratamento adequado é possível obter cura, podendo haver uma remissão dos sintomas, principalmente com uma terapia de dessensibilização, originando um melhor controle do medo. (DSM-V, 2013; ARAÚJO & NETO, 2014)

Os transtornos fóbicos pertencem à esfera dos transtornos de ansiedade. Estes são divididos em três patologias: Agorafobia, Fobia Social e a Fobia específica. A Agorafobia é o medo ou tensão que a pessoa tem de ficar em ambientes ou situações que ela tenha receio de não conseguir receber ajuda ou de não conseguir sair do local e não ser amparado, desta forma desencadeando a crise. A Fobia Social trata-se de um medo ou tensão muito alta de se expor socialmente, com receio de ser avaliado ou julgado por outrem. A Fobia Específica é um grande

medo ou ansiedade vivenciado pelo indivíduo de forma intensa e desproporcional de agentes estressores e/ou ameaça mais específica, como ambientes fechados, animais, objetos, situações específicas, entre outros. (DSM-V, 2013)

O medo e a ansiedade são os principais sintomas dos Transtornos Fóbicos, concomitante a estes é comum se observar sinais autonômicos como taquicardia, sudorese, aumento da pressão arterial, tremores. Estes reflexos acabam, até mesmo, ocasionando desmaios. Existem graus leves onde, apesar da presença do medo intenso, indivíduos conseguem permanecer próximo ou em ambientes que o agente estressor esteja presente, mesmo estando em sofrimento. E graus de intensidade alta, onde a presença visualização ou, simplesmente, a lembrança, podem deflagrar a crise de pânico. O diagnóstico para os transtornos fóbicos necessita de critérios como o tempo (pelo menos seis meses apresentando os sintomas), medo e ansiedade intensos diante de um estressor identificado, comportamento evitativo e alteração da rotina (DSM-V, 2013).

1.3 O INDIVÍDUO E A SUA RELAÇÃO COM O TELEFONE CELULAR, O COMPUTADOR E A INTERNET NO BRASIL

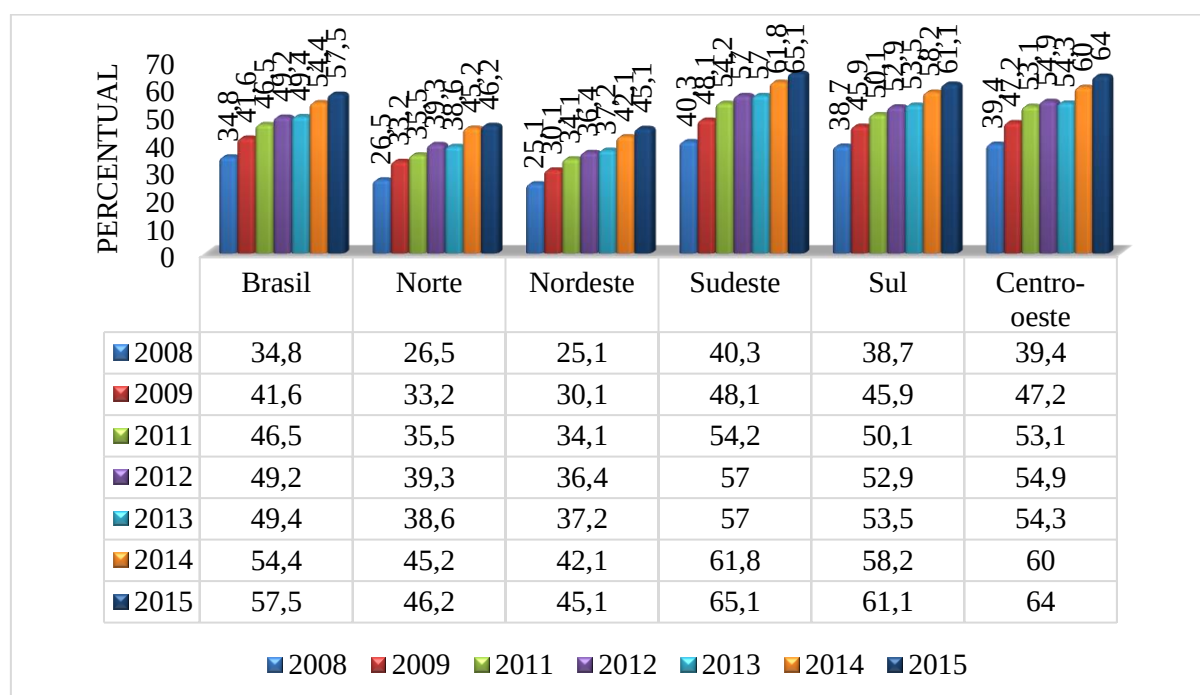
Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir de 2013, ampliou-se na investigação da utilização da internet através de diversos equipamentos, dos tipos de conexão, diferentes modalidades de sinais de televisão e tipos de aparelhos. No ano de 2015 foi realizada uma pesquisa pelo instituto referente a tecnologia da informação e comunicação e seu uso nos domicílios brasileiros, sendo publicado oficialmente em dezembro de 2016. O acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal fez parte de um estudo suplementar e dentre os temas investigados no questionário básico tinham: as características gerais dos moradores; a educação; a migração; o trabalho e rendimento; o trabalho infantil; a fecundidade; as características domiciliares; e a tecnologia da informação. Podemos observar nas figuras de 2 a 4 alguns resultados obtidos nesta pesquisa referentes ao uso da internet (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016).

Existem no Brasil, aproximadamente 102,1 milhões de pessoas acima de 10 anos de idade que fizeram uso da internet no período de referência dos últimos 3 meses em 2015, nos dados obtidos e que estão expostos na Figura 2 observa-se um crescimento de 7,1%, ou 6,7 milhões de usuários, quando comparado ao ano de 2014. Pode-se notar um crescimento no

quantitativo de internautas em todas as Grandes Regiões, de 2014 para 2015. A Região Norte apresentou um aumento inferior de 4,7% quando comparado as outras Regiões, a Região Sul obteve um aumento de 6,2%, na Região Sudeste teve um aumento de 6,8%, a Região Nordeste foi a segunda a apresentar um aumento significativo ao obter 8,4% de crescimento no número de usuários, ficando a atrás da Região Centro-oeste que totalizou 8,7% (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016).

No ano de 2015, as Regiões Sudeste (65,1%), Sul (61,1%) e Centro-Oeste (64,0%) foram as únicas que apresentaram uma proporção acima do obtido pela média nacional (57,5%). A média nacional de internautas passou de 54,4% para 57,5% do total da população residente entre 2014 e 2015. As Regiões Norte (46,2%) e Nordeste (45,1%) apresentaram os menores níveis. Como podemos ver, a Região Nordeste mesmo apresentando um aumento superior entre 2014 e 2015 continua sendo a região com a menor proporção de internautas do total da população residente (figura 2) (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016).

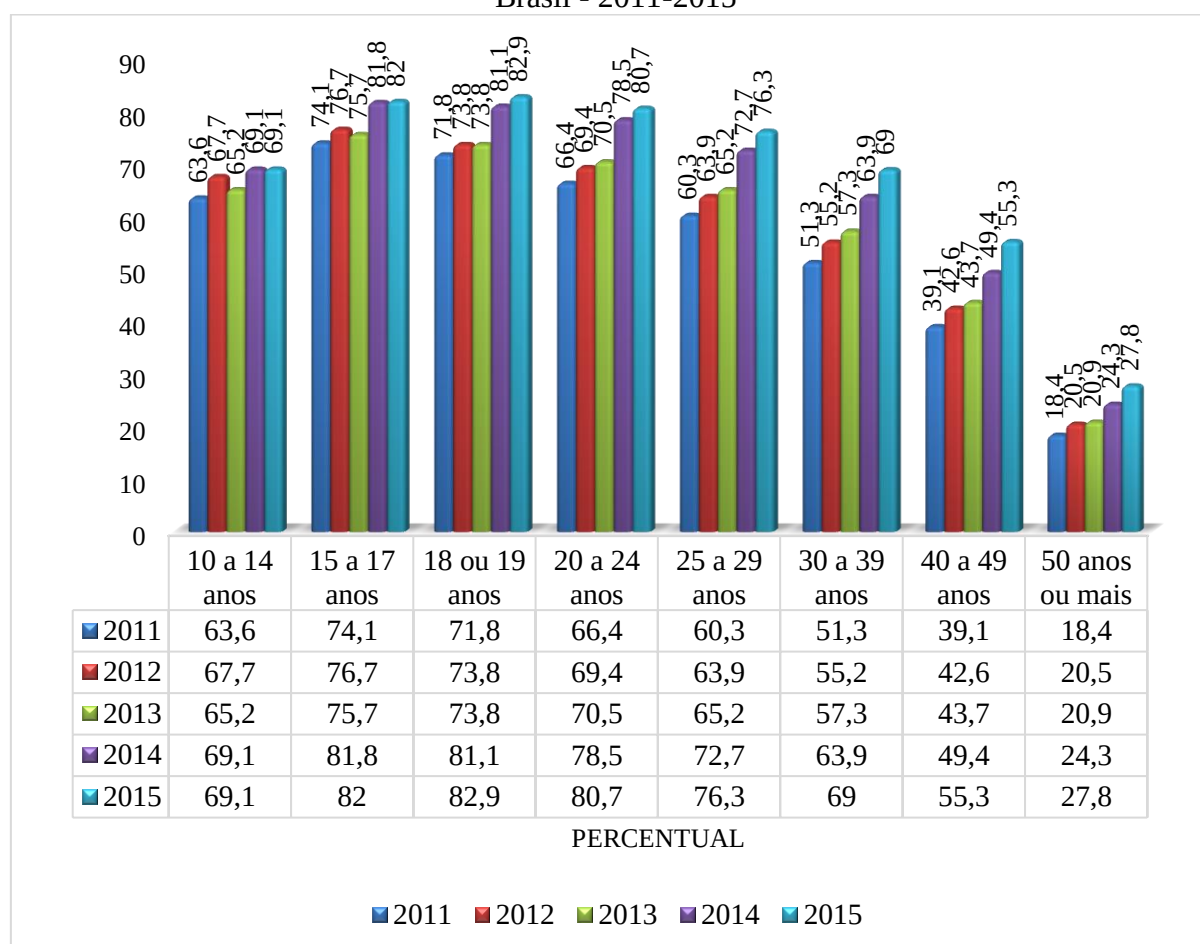
Figura 2 - Percentual De Pessoas Que Utilizaram A Internet, No Período De Referência Dos Últimos Três Meses, Na População De 10 Anos Ou Mais De Idade, Por Grandes Regiões - 2008/2015



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

Outro estudo em 2015, considerando a população acima de 10 anos de idade divididos por grupos etários, é possível notar que a faixa etária de 15 a 17 anos de idade e de 18 ou 19 anos de idade possuem as maiores proporções de usuários de Internet no Brasil, sendo 82,0% e 82,9%, respectivamente (figura 3). No entanto, quando comparado o aumento de usuários entre 2014 e 2015, os grupos que compõem a faixa etária de 40 a 49 anos de idade e de 50 anos ou mais apresentaram o maior crescimento, sendo 13,9% e 20,1%, respectivamente. Como vemos, a população mais jovem representa o maior grupo de usuários da internet, ou seja, a maior proporção, porém não foi o grupo que apresentou um maior crescimento de usuários, sendo que os maiores aumentos ocorrem na população acima dos 40 anos de idade (figura 3) (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016).

Figura 3 - Percentual Das Pessoas Que Utilizaram A Internet, No Período De Referência Dos Últimos Três Meses, Na População De 10 Anos Ou Mais De Idade, Por Grupos De Idade - Brasil - 2011-2015



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011-2015.

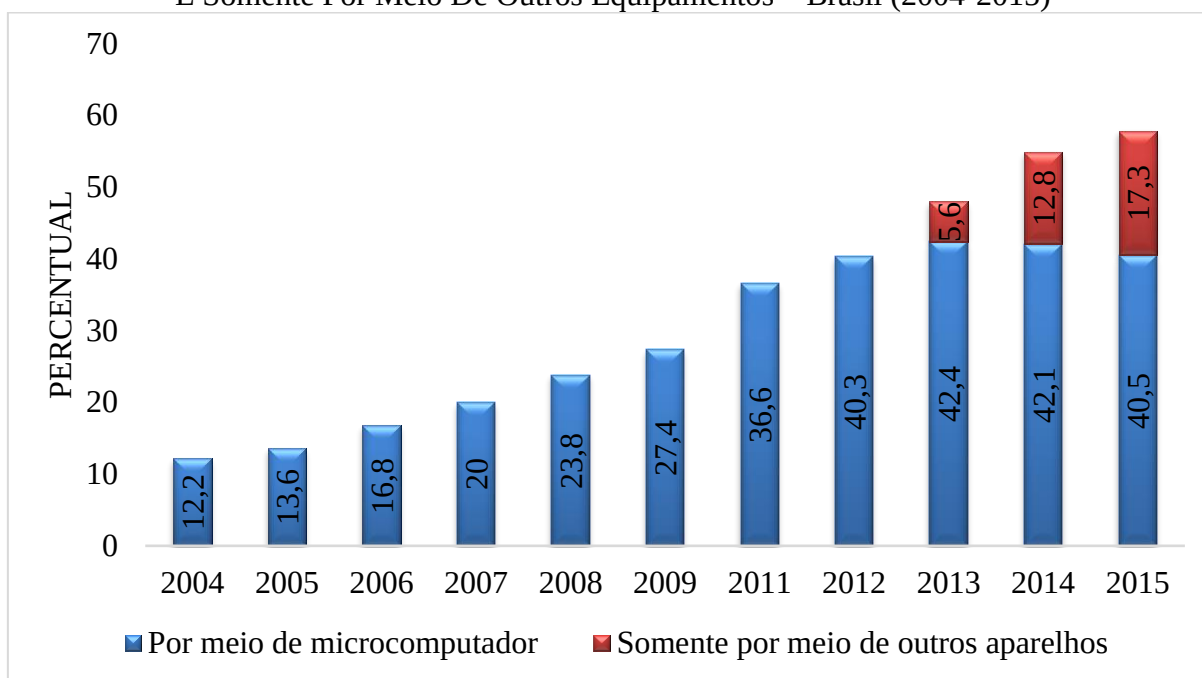
Em 2015, o número de domicílios que possuíam microcomputador foi de 31,4 milhões de domicílios, apresentando uma redução de 3,4% em relação à 2014. As unidades domiciliares que tinham computador com acesso à Internet totalizaram 27,5 milhões. Os microcomputadores, com ou sem acesso à Internet, apresentaram uma proporção de 46,2% e 40,5% respectivamente, ou seja, registraram retrações de 2,3 e 1,6 pontos percentuais na comparação com 2014 (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016)

A percentagem de municípios que possuem algum tipo de telefone foi de 93,3% em 2015, sendo um total de 63,5 milhões de unidades domiciliares. Enquanto o telefone móvel celular foi de 39,5 milhões (58,0%). No ano de 2014 não houve variação na proporção de domicílios que possuíam algum tipo de telefone, enquanto a proporção o crescimento da quantidade de telefone móvel celular foi 1,7 ponto percentual. As Regiões Norte (74,7%) e Nordeste (72,8%) foram as que registraram as maiores proporções de domicílios que possuíam apenas telefone móvel celular (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016)

As Regiões Norte e Nordeste apresentaram as menores proporções de domicílios com microcomputador (26,7% e 30,3%, respectivamente) e com microcomputador com acesso à Internet (19,6% e 25,8%, respectivamente). Na pesquisa do PNAD Contínua de 2015 todas as Grandes Regiões apresentaram uma redução da posse de microcomputador. Em 2015, foi a primeira vez que se observou redução no total de domicílios com microcomputador que possuíam ou não acesso à Internet, mesmo havendo um aumento no acesso à Internet. Isso se deve ao crescimento do acesso por meio de outros equipamentos e em outros locais que não o domicílio (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016).

O percentual de domicílios com acesso à internet por meio de microcomputador passou por um crescimento contínuo de 2004 a 2013, ou seja, até o momento em que as pessoas passaram a utilizar outros aparelhos e equipamentos como único meio de acessar a internet. Em 2014 e 2015 houve um decréscimo no percentual de domicílios com acesso à internet por meio de microcomputador, em contramão a estes índices o percentual de domicílios que acessaram a internet somente por meio de outros equipamentos desde que começou a pontuar nas pesquisas no ano de 2013 passou por acréscimo, passando de 5,6% em 2013 a 17,3% em 2015 (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA, 2016).

Figura 4 - Percentual De Domicílios Com Acesso À Internet Por Meio De Microcomputador E Somente Por Meio De Outros Equipamentos – Brasil (2004-2015)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

1.4 O JOGO PATOLÓGICO NAS NOVAS MÍDIAS

O DSM-V introduziu o Transtorno do Jogo pela Internet como uma condição que requer mais pesquisas. Nos critérios propostos estão inclusos a tolerância, a preocupação ou excesso contínuo, apesar dos problemas psicossociais. Há diversos estudos que sugerem diferenças entre jogadores viciados e engajados, ou seja, que diferenciem o Transtorno do Jogo pela Internet e o uso abusivo de jogos eletrônicos (LEHENBAUER-BAUM et al, 2015).

A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11) apresenta em sua nova versão a inclusão do uso abusivo de jogos eletrônicos junto a seção de transtornos que podem ocasionar vício. Nesta classificação os jogos de videogames online e off-line passam a ser vistos como doença. A desordem relacionada aos jogos trata-se de um padrão de comportamento persistente ou recorrente (com jogos digitais ou videogames) marcado pelo: controle prejudicado sobre o jogo; aumento da prioridade dada ao jogo na medida em que ele assuma precedência sobre outros interesses da vida e atividades diárias; e continuação ou escalada dos jogos apesar da ocorrência de consequências negativas. O padrão de comportamento é de severidade suficiente para resultar em prejuízo significativo em áreas

pessoais, familiares, sociais, educacionais, ocupacionais ou outras áreas importantes de funcionamento (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018).

O padrão de comportamento do jogo pode ser contínuo ou episódico e recorrente. O comportamento do jogo e outras características são normalmente evidentes durante um período de pelo menos 12 meses para que um diagnóstico seja atribuído, embora a duração necessária possa ser encurtada se todos os requisitos de diagnóstico forem cumpridos e os sintomas forem severos. Nesta nova versão exclui como critério diagnóstico: o Transtorno bipolar tipo I; o Transtorno bipolar tipo II e os Jogos ou apostas perigosas. E inclui o Jogo compulsivo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018).

Um estudo austríaco investigou diferenças entre engajamento e dependência em uma amostra de falantes alemães especialistas no jogo World of Warcraft. Participaram deste estudo 682 pessoas por meio de um questionário on-line; 84,9% eram do sexo masculino, das áreas de língua alemã, por meio dos seguintes instrumentos (testes, escalas, questionários): uma versão adaptada do questionário "Asheron's call" (que abrange seis critérios de dependência, incluindo saliência, euforia e tolerância), o WHOQOL-BREF, a Escala de Motivação de Jogos, o BDI, o SPIN e uma breve versão do questionário de personalidade BFI-10. Os resultados deste estudo sugeriram que fatores como realização e imersão estão ligados ao comportamento de engajamento diferenciando-os então de usuários dependentes, enquanto o vício parece estar significativamente mais ligado a outras psicopatologias como a depressão e a ansiedade social (LEHENBAUER-BAUM et al, 2015).

Uma grande desvantagem é que há poucos estudos controle sobre os tipos específicos de uso da internet, como o Transtorno do Jogo pela Internet e/ou uso abusivo de jogos eletrônicos, sendo estes necessários de um olhar específico dentro das novas tecnologias e cuidado na relação com a nomofobia. O uso problemático dos videogames é visto como um comportamento dependente de alta relevância clínica. Este problema pode afetar diversas áreas funcionais, como conflitos de relacionamento, problemas de sono ou funcionamento ocupacional (KING, 2013; SIM, 2012; KING, 2013).

Na literatura existente, os termos em inglês “*Internet Addiction*” e “*Patological Internet Use*”, em tradução literal para o português, “dependência em Internet” e “uso patológico da Internet”, têm sido comumente usados para se referir a todos os tipos de atividades referente a dependência as novas tecnologias do século XXI, ou seja, não limitado ao uso de videogames. A crítica existente é que essa classificação é muito ampla e não distingue entre atividades

problemáticas e o próprio meio em que elas ocorrem, que por vezes apresentam características e motivações sociodemográficas diferentes (KING, 2013; SIM, 2012; KING, 2013; STARCEVIC & ABOUJAOUDE, 2017; THOMPSON, 2001).

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia utilizada é a revisão de literatura integrativa. Esta trata-se de uma busca, análise e descrição dentro de uma temática inclusa em um campo do conhecimento com a proposta de identificar respostas a uma questão de pesquisa específica, onde nesta buscar-se-á a totalidade de materiais relevantes que são produzidos, por exemplo, artigos de periódicos. A metodologia abrange processos lógicos e sistemáticos acerca de toda bibliografia disponível sobre o tema utilizando métodos adequados para se chegar a uma conclusão do que foi proposto. A revisão se dá de forma rigorosa por meio da combinação de estudos com diferentes metodologias, visando integrar os resultados. Ela tem por característica a abrangência em diversas áreas do conhecimento sem afetar o seu rigor metodológico (GIL,2009; INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP).

2.2 QUESTÃO DA PESQUISA

Há uma associação entre nomofobia e fobia social, e quais são os outros preditores psicológicos?

2.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão e exclusão foram aplicados nas pesquisas de artigos das seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Google Scholar*, literatura científica e técnica da América Latina e Caribe (LILACS), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), *National Center for Biotechnology Information*, *U.S. National Library of Medicine* (PubMed) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). As pesquisas inclusas nesta revisão apresentaram as seguintes características: artigos científicos publicados nos últimos dez anos; artigos científicos publicados nos idiomas português, espanhol e inglês; artigos científicos disponibilizados na íntegra e artigos científicos cujo assunto principal integrem os seguintes termos: “internet addiction”, “dependência em internet”, “dependencia en internet”, “vício em internet”, “vicio en internet”, “nomofobia” e “nomophobia” com os descritores “phobic disorders”, “trastornos fóbicos” e “transtornos fóbicos”. Enquanto as pesquisas exclusas

apresentaram as seguintes características: teses; resumos publicados em anais de congressos; monografias; livros impressos e artigos duplicados.

2.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA

A busca por informações a respeito do tema foi a partir de uma revisão de literatura sistemática integrativa nas bases de dados descritas no tópico critérios de inclusão e exclusão, onde dispõe de um vocabulário controlado e um vasto acervo na área da Psicologia, ciências da saúde e sociais, facilitando a precisão ao classificar os artigos nela indexados. (PEREIRA & GALVÃO, 2014)

Os descritores e termos utilizados foram aplicados de forma combinada, dentro de critérios específicos nas bases de dados descritas no subitem 4.3, critérios de inclusão e exclusão, e tiveram as seguintes combinações: internet addiction AND phobic disorders; vício em internet AND transtornos fóbicos, vício em internet AND transtornos fóbicos, dependência em internet AND transtornos fóbicos; dependência em internet AND transtornos fóbicos; nomofobia AND transtornos fóbicos; nomophobia AND transtornos fóbicos e nomophobia AND phobic disorders. E para a mesma foram utilizados os seguintes filtros: texto completo disponível; artigos científicos nos idiomas Inglês, Português e Espanhol, e artigos científicos publicados entre os anos de 2009 a 2018 (o período de tempo escolhido se deu por dois motivos, o primeiro foi colocar o ano de 2009 no intuito de realizar buscas mais atuais e o segundo foi no intuito de não comprometer a coleta de dados, visto que ao colocar o ano de 2019 as base de dados atualizariam seus acervos e isto comprometeria toda a organização da pesquisa). As bibliotecas virtuais e base de dados utilizadas foram as que estão descritas no quadro 1.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa realizada é de caráter integrativo, com viés exploratório. A metodologia buscou acerca de toda bibliografia disponível sobre o tema. A princípio foi realizada uma revisão rigorosa com combinações de estudos em diferentes metodologias, posteriormente a análise integrou os resultados. O primeiro passo foi elaboração da pergunta norteadora, o segundo foi a realização de uma busca ou amostragem na literatura, a partir daí foi realizado a coleta de dados. Após serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão foi feita a análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

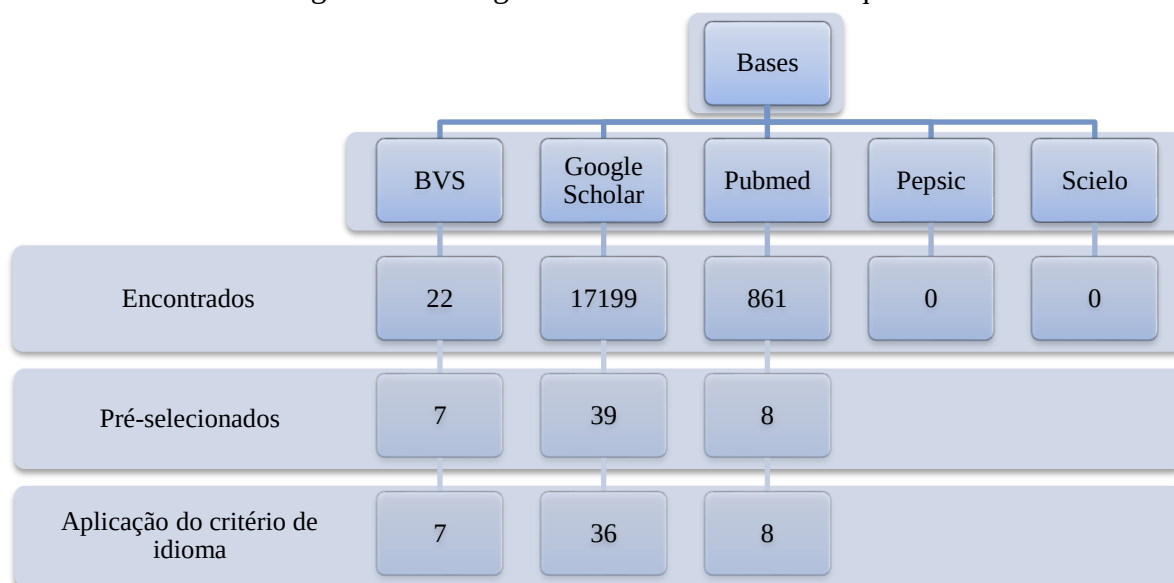
Para a seleção dos artigos foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos resultados da busca, sendo selecionados aqueles que se adequaram aos critérios de idioma, período de publicação (2009 a 2018) e que tratassem sobre a nomofobia e sua relação com a fobia social em parte ou em todo o documento. Após este processo, foi preciso realizar uma leitura dos artigos na íntegra para a construção da tabulação, descrição dos resultados e discussão a respeito do *status* das produções encontradas na literatura (GIL,2009; SOUZA et al, 2010).

3 RESULTADOS

Os resultados deste estudo foram obtidos após a realização sistematizada de artigos científicos publicados no período de 2009 a 2018 de produções nacionais e internacionais nas áreas da Psicologia e Psiquiatria. As bases de dados, buscadores e bibliotecas virtuais utilizadas estão expostas na metodologia. No Quadro 1, que pode ser encontrado no Apêndice desta monografia, estão listados a quantidade de artigos encontrados e pré-selecionados conforme os critérios: idioma (português, inglês e espanhol), resumo, título de artigos relacionado ao tema e que estivessem disponibilizados na íntegra.

Na BVS, a combinação “internet addiction AND phobic disorders” foi a que encontrou o maior número de artigos (10 artigos). Enquanto as combinações “nomofobia AND transtornos fóbicos” e “nomofobia AND transtornos fóbicos” não forneceram nenhum resultado durante a pesquisa (nenhum artigo). No Google Scholar, as combinações “internet addiction AND phobic disorders” e “dependencia en internet AND transtornos fóbicos” forneceram 13.800 e 1.360 artigos, respectivamente. Enquanto a combinação “vício em internet AND transtornos fóbicos” teve um total de 171 artigos encontrados, sendo o menor quantitativo. Na PubMed foi possível identificar 137 artigos através da combinação “internet addiction AND phobic disorders”, 86 através da combinação “nomofobia AND transtornos fóbicos” e 638 por meio da combinação “nomofobia AND transtornos fóbicos”. Na LILACS, PEPsic e SciELO não foi encontrado nenhum artigo nas 8 combinações realizadas.

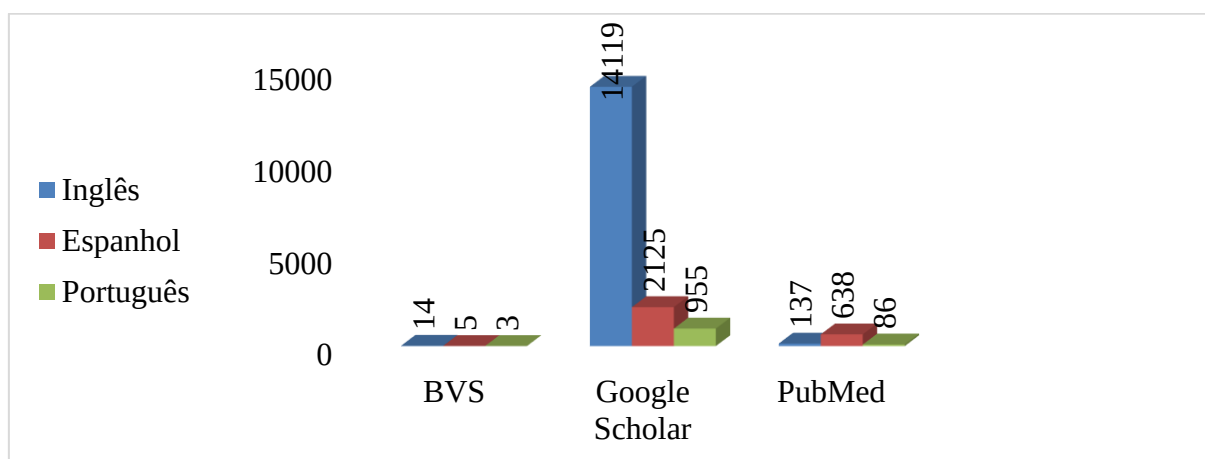
Figura 5 - Fluxograma Do Resultado Da Pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

A princípio foram pré-selecionados 54 artigos por meio da leitura do resumo, após esta etapa realizou-se uma leitura na íntegra que resultou em 50 artigos escritos em língua inglesa e 01 artigo em língua portuguesa. Vale ressaltar que devido ao grande número de produções, principalmente no inglês, foi atribuído um critério no processo de pré-seleção. O critério consistiu em realizar a leitura dos resumos dessas produções e seu referido título em intervalos de 10 em 10 trabalhos, baseado nesta leitura pode-se separar os artigos selecionados dos excluídos de acordo com a sua inferência aos objetivos desta monografia, ou seja, se condizia com o tema proposto neste trabalho. A análise dos artigos era considerada como encerrada no intervalo que não houvessem artigos que se enquadravam nos objetivos propostos. De acordo com o Quadro 1, que pode ser encontrado no apêndice, o Google Scholar e o PubMed foram as únicas bases de dados que foi preciso atribuir este critério, percebe-se também que a maioria das análises se encerraram entre os intervalos 4 e 6.

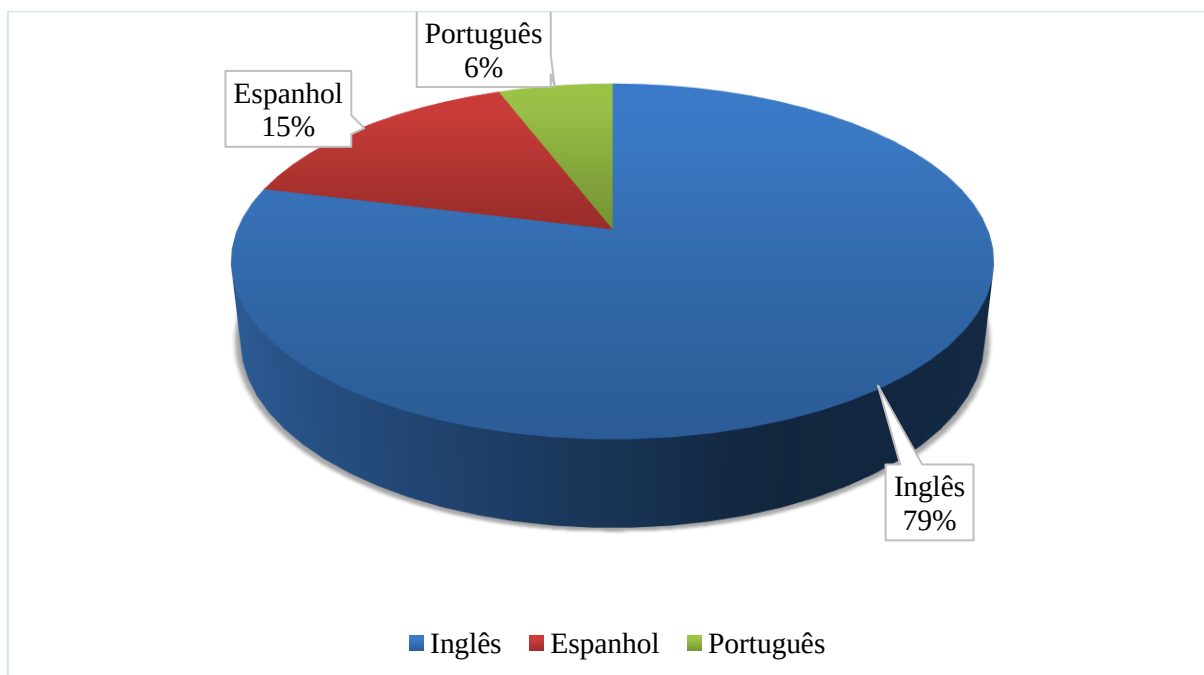
Figura 6 – Número De Artigos Encontrados Nas Combinações De Acordo Com O Idioma



Fonte: dados da pesquisa.

Nas combinações feitas no idioma inglês foram encontrados: 14 artigos na BVS; 14.119 no Google Scholar; e 137 na PubMed. Nas combinações em espanhol foram encontrados: 5 artigos na BVS; 2.125 no *Google Scholar*; e 638 na PubMed. Enquanto nas combinações em português foi possível obter: 3 artigos na BVS; 955 no *Google Scholar*; e 86 na PubMed. No total foram identificadas 14.270 produções por meio da combinação no idioma inglês, 2768 nas combinações em espanhol e 1044 nas combinações em português.

Figura 7 – Percentual Total De Artigos Encontrados De Acordo Com O Idioma Pesquisado



Fonte: dados da pesquisa.

Nas buscas pode-se perceber que há um maior número de estudos encontrados quando esta é realizada na língua inglesa, havendo um grande contraste quando comparado ao número de trabalhos encontrados nos outros idiomas. Na combinação realizada no português foram encontrados um número bem reduzido de artigos, mesmo quando comparado ao de língua espanhola que também apresentou um quantitativo reduzido.

Os idiomas dos artigos resultantes das pesquisas realizadas nem sempre foram condizentes ao idioma da combinação, ou seja, houve casos em que foram constatadas produções em outros idiomas que não se enquadram nos critérios de inclusão ou até mesmo em idiomas que se enquadram, porém não o referido na pesquisa. Também houveram situações no qual o idioma em que os artigos foram escritos não eram os mesmos da língua vernácula do autor.

O número de referências excluídas foram 17, a lista completa pode ser vista no Quadro 2, que se encontra no Apêndice desta monografia. O estudo de Yen et al. (2010) foi o único excluído, por não se tratar de um artigo científico, mas sim de um editorial. A maioria dos estudos excluídos foi devido a não referência a Fobia Social ou por abordarem temas referentes ao Transtorno do Jogo pela Internet, sendo que este apresenta estudos específicos não referidos na Nomofobia. Um dos exemplos está o estudo de Sethia et al (2008) que foi realizado para descobrir a prevalência de nomofobia no *Gandhi Medical College*, em Bhopal, Índia. Como

vemos, este trabalho abordou aspectos referentes a prevalência da nomofobia, mas não respondeu à questão desta pesquisa, que busca investigar o impacto no cotidiano dos indivíduos. Outros trabalhos como o de González-Bueso et al. (2018), Mallorquí-Bagué et al. (2017), Sioni et al. (2017), Wei et al. (2012) e Jiménez-Murcia et al. (2014) também abordaram em suas produções estudos a respeito do jogo patológico.

Outro exemplo foi o estudo de Lehenbauer-Baum et al. (2015) que investigou de forma concisa o diferencial entre o patológico e o normal, ou seja, buscou diferenças entre jogadores engajados e jogadores que apresentam dependência, neste estudo utilizou-se uma amostra de língua alemã de jogadores especialistas no jogo *World of Warcraft*, por meio da realização de um questionário *online*. Neste trabalho foram abordados aspectos referentes ao jogo patológico e normal. O transtorno do jogo apresenta pesquisas próprias no que se refere a dependência. Outro ponto importante que foi relevante na sua exclusão foi o fato de abordar estudos sobre um único jogo, ou seja, o estudo foi muito específico em sua proposta, desta forma não abrangendo os critérios de investigação desta monografia.

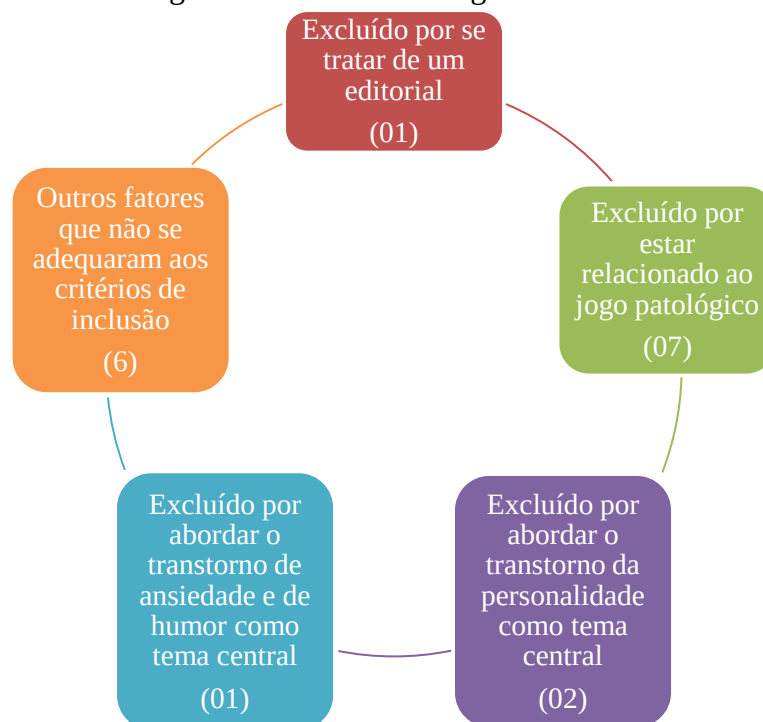
A pesquisa de Tran (2016) foi uma revisão bibliográfica que resumiu pesquisas anteriores a respeito da dependência em telefones inteligentes, nomofobia e transtornos de personalidade. O motivo da exclusão deste trabalho foi a sua abordagem acerca dos transtornos da personalidade, ou seja, a investigação foi pautada de forma específica a uma categoria diagnóstica, não abordando a respeito de outros transtornos de forma contundente. Outro trabalho que abordou a personalidade como enfoque foi o de Okoye et al. (2017), que em seu estudo examinou traços de Personalidade como preditores de nomofobia. Ameringen et al. (2010) também realizou estudos sobre uma categoria específica, o mesmo em sua produção publicou um questionário de triagem diagnóstica de autorrelato para os transtornos de ansiedade e de humor do DSM-IV

Yung et al. (2015) fez um relato sobre um homem de 31 anos que exibiu uso problemático do *Google Glass*. O trabalho trata-se de um relato a respeito do uso de uma única tecnologia e marca específica, tendo como amostra um único indivíduo. O fato de o mesmo ter realizado o estudo com uma única amostra não foi um fator determinante para a exclusão de seu trabalho nesta revisão, visto que esta abrange todas as formas de pesquisas por apresentar uma característica integrativa. O que determinou a exclusão de seu estudo foi o fato de o mesmo utilizar um único aparelho como base, e este possuir uma marca específica.

O trabalho de Shankar et al. (2018) tratou da usabilidade do *smartphone* e suas consequências futuras, não abordando aspectos referente a fobia social. Dalbudak et al. (2013) investigou a relação entre dependência em Internet com a impulsividade e a severidade da psicopatologia entre estudantes de uma universidade turca, não havendo nenhuma referência a Fobia social. O estudo de Tams et al. (2018) desenvolve um novo modelo de pesquisa indicando que a Nomofobia impacta o estresse através da percepção de uma ameaça social e que esse efeito indireto depende do contexto de uma situação de abstinência do celular. A produção de Tams et al. (2018) expressa em sua obra a ameaça social e sua correlação com a falta do aparelho, porém não aborda a fobia social (transtorno).

O estudo qualitativo de Yildirim & Correia (2015) buscou identificar as dimensões da nomofobia descritas por estudantes universitários, o trabalho está mais voltado para o sentido da percepção e compreensão da dimensão deste novo fenômeno do Séc. XXI. Nele, não há uma abordagem aprofundada acerca dos possíveis impactos que este fenômeno pode originar e acerca das prováveis comorbidade psicopatológica que podem existir.

Figura 8 - Fluxo Dos Artigos Excluídos



Fonte: dados da pesquisa.

4 DISCUSSÃO

Este tópico de discussão visa abordar os objetivos e resultados de cada artigo revisado e traçar uma reflexão acerca dos mesmos. Um dos pontos importantes abordados nos artigos revisados foi o fato de considerar a inclusão da nomofobia no DSM-V. Os únicos autores que estabeleceram esse objetivo explicitamente foram Bragazzi & Puente (2014). Em sua produção o mesmo realizou uma revisão abrangente na literatura existente. Em seu trabalho buscou-se discutir a relevância clínica da nomofobia e suas características epidemiológicas, juntamente as escalas psicométricas disponíveis e o tratamento proposto para esta problemática (BRAGAZZI; PUENTE, 2014).

Bragazzi & Puente (2014) conseguiu elucidar que a tecnologia através de novas mídias sociais, sites de redes sociais, informática, *software* permite realizar o trabalho mais rapidamente e com eficiência. Porém, no mesmo estudo foi mostrado o outro lado, o forte impacto que os dispositivos móveis podem sobre a saúde humana. Outra questão importante que os autores relatam a respeito da nomofobia é sobre um duplo diagnóstico, já que muitas vezes as patologias tendem a se agrupar, como ansiedade e transtorno de pânico, outras formas de fobia (e em particular fobia social ou transtorno de fobia social), transtorno obsessivo-compulsivo, transtornos alimentares, depressão e distímia, dependência de álcool e drogas, bem como outros transtornos de dependência comportamental (incluindo dependência móvel e / ou da Internet, jogos de azar, jogos online, compras compulsivas e comportamentos sexuais) e transtornos de personalidade (limítrofe, antissocial e esquiva). Todas essas patologias também devem ser consideradas no diagnóstico diferencial, juntamente com depressão atípica e psicose. Nesses casos, a nomofobia pode atuar como válvula para um transtorno psiquiátrico mais grave. De acordo com os autores, mais pesquisas são necessárias, para investigar mais a fundo os aspectos psicológicos da nomofobia e fornecer uma definição padronizada e operacional da mesma (BRAGAZZI; PUENTE, 2014).

Alguns autores discutiram incisivamente o uso da *internet* e sua relação com a psicopatologia. Floros et al. (2014) avaliou a comorbidade entre o Transtorno de Dependência de Internet (DAI) por meio de uma análise de dados de uma amostra clínica de universitários que se apresentaram para o tratamento. Tonioni et al. (2012) investigou esta relação junto a comportamentos e o tempo gasto na internet em pacientes com Transtorno de dependência de internet, enquanto Thorens et al. (2014) foi mais profundo em suas pesquisas, em sua obra visou descrever o tratamento e a evolução de pacientes que estavam enfrentando este problema, bem

como buscou caracterizá-los em termos demográficos, comórbidos e possível resposta ao tratamento (FLOROS et al, 2014; THORENS et al, 2014; TONIONI et al, 2012).

Para Floros et al. a psicopatologia comórbida pode aumentar a presença do Transtorno de Dependência pela Internet por meio de uma ligação direta, independentemente da estrutura de personalidade subjacente. O terapeuta que trata pacientes/clientes com este distúrbio deve completar uma avaliação clínica para diagnóstico comórbido dos Eixos I e II já que sua presença pode significar uma apresentação mais séria (FLOROS et al, 2014).

Segundo Thorens et al. (2014) sessenta e oito por cento dos pacientes apresentava diagnóstico psiquiátrico comórbido, sendo a fobia social a mais prevalente (17,8%). Os pacientes que permaneceram em tratamento (taxa de desistência de 24%) apresentaram melhora geral dos sintomas: 38,6% apresentaram melhora significativa ou média na pontuação da *Clinical Global Impression Scale*, 26,3% apresentaram melhora mínima e 14% não apresentaram alteração (THORENS et al, 2014).

Os resultados na pesquisa de Tonioni et al. (2012) sugerem que o uso indevido da *Internet*, caracterizado por muitas horas gastas *online* e apresentando um comportamento evitativo/de esquiva em relação aos relacionamentos interpessoais com pessoas reais e conhecidas, pode ser um critério importante na entrevista clínica para diagnosticar o Transtorno de Dependência pela Internet. A associação entre o interesse perdido em se comunicar com pessoas reais e sintomas psicológicos como ansiedade e depressão pode ser relevante para detectar pacientes dependentes em internet (TONIONI et al, 2012).

Os estudos de Sevelko et al. (2018) e Kumar & Mondal (2018) trouxeram uma linha investigativa peculiar na correlação entre dependência em internet e psicopatologia. No primeiro, objetivou-se analisar o impacto relativo da autoestima e da psicopatologia comórbida com a dependência em internet ao longo da vida em uma amostra populacional de usuários que apresentam uso excessivo da *internet* utilizando diagnósticos clínicos avaliados em uma entrevista pessoal. No segundo, abriu-se uma investigação acerca da autoestima entre estudantes universitários e outras causas subjacentes ao desenvolvimento desse comportamento de dependência a *internet* (KUMAR; MONDAL, 2018; SEVELKO et al. 2018).

No estudo de Kumar e Mondal (2018) foram identificadas correlações entre a depressão, a ansiedade e a sensibilidade interpessoal com a dependência em *internet*. Junto com isso, a baixa autoestima também esteve associada a possíveis usuários da *internet*. Para Sevelko et al. (2018) a autoestima estava associada a dependência em *internet*, mesmo após a correlação

com transtornos por uso de substâncias, transtorno de humor e transtorno alimentar. Segundo os autores, a autoestima e a psicopatologia devem ser consideradas no espectro da prevenção, medidas de intervenção, bem como na concepção de modelos etiológicos (KUMAR; MONDAL, 2018; SEVELKO et al. 2018).

Koç (2011) examinou as relações entre a dependência em internet e a psicopatologia de estudantes universitários na Turquia. Ho et al. (2014) avaliou a associação entre dependência de internet e comorbidade psiquiátrica na literatura. Bozkurt (2013) investigou a prevalência e padrões de transtornos psiquiátricos em jovens com dependência de internet. Enquanto Ko et al. foi mais objetivo em sua revisão de literatura, recrutando artigos que mencionam transtornos psiquiátricos coexistentes da dependência em *internet* (KO et al., 2012). Vianna & Lourenço seguiram uma linha investigativa próxima ao dos autores referidos acima, porém os mesmos foram mais contundentes e específicos em seus propósitos, ou seja, objetivou elucidar a relação entre depressão, ansiedade social e adolescência. Em sua obra, pode-se verificar que existe um fundamento para tal análise e especificidade, onde há estudos que mostram esta tendência, onde estes usaram como meio de referência na elaboração de seus objetivos (BOZKURT, 2013; KOÇ, 2011; HO et al., 2014; VIANA; LOURENÇO, 2017).

Bozkurt (2013) mostra que em sua pesquisa foram encontradas altas taxas de comorbidade psiquiátrica, particularmente transtornos de comportamento, ansiedade e humor em jovens que apresentavam sinais e sintomas de dependência de internet. O mesmo alerta que a presença de transtornos psiquiátricos pode afetar o manejo/prognóstico da dependência em internet, por esta razão na avaliação deve verificar a presença de outros transtornos psiquiátricos (BOZKURT, 2013).

Os resultados do estudo de Koç (2011) mostram que os estudantes que usaram a internet seis horas ou mais por dia possuíam sintomas psiquiátricos. Alunos cujo uso da *internet* foi considerado como dependente apresentaram sintomas psiquiátricos como somatização, Obsessivo-compulsivo, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoica e psicoticismo em um percentual mais elevado que estudantes cujo uso da Internet não é permitido. Ho et al. (2014) relata que a dependência em internet está significativamente associada ao abuso de álcool, déficit de atenção e hiperatividade, depressão e ansiedade (HO et al., 2014; KOÇ, 2011).

De acordo com o tema abordado nos estudos de Viana & Lourenço (2017), a associação entre depressão e ansiedade social esteve ligada também a outras variáveis como o uso da

internet, a baixa autoestima, esquemas desadaptativos, o baixo apoio social como fator de risco, a diferença entre os gêneros, as relações interpessoais e o *copping* (esforços cognitivos e comportamentais para lidar com situações de dano, de ameaça ou de desafio quando não está disponível uma rotina ou uma resposta automática) (VIANA; LOURENÇO, 2017).

Outros autores também pesquisaram estas relações de dependência em *internet* e comorbidade psiquiátricas de modo diretivo e específico. Bernardi & Pallanti (2019) avaliou os sintomas dissociativos e sua associação com a inabilidade para dependência da *internet*. Ko et al. (2014) avaliou o aumento da depressão, hostilidade e ansiedade social no decorrer da dependência de internet e da remissão da dependência de Internet entre adolescentes. King et al. (2013) estudou a nomofobia como um comportamento manifesto que pode servir como indicação de um possível transtorno de ansiedade. Em outro estudo de King junto a outros autores, foi produzido um relatório, neste documento foi apresentado e discutido uma hipótese para o desenvolvimento de dependência do celular em um indivíduo com transtorno do pânico e Agorafobia (BERNARDI; PALLANTI, 2009; KING, et al., 2010; KING et al., 2013; KO et al., 2014).

Bernardi & Pallanti (2009) sobre um ponto de vista da abordagem psicológica fenomenológica relata que a dependência em Internet na amostra pesquisada parece ser mais compulsória do que recompensadora ou motivada pelo humor. Os autores pontuam que sintomas dissociativos estão relacionados à gravidade e ao impacto da dependência em *internet* (BERNARDI; PALLANTI, 2009).

No relatório produzido no artigo de King et al. (2010), o mesmo informa que o paciente foi tratado com medicação e psicoterapia cognitivo-comportamental, após este processo ele permaneceu assintomático por 4 anos. O paciente mostrou melhora médica significativa em seu transtorno de pânico e fobias, mas não houve mudança na sua nomofobia. O caso apresentado ilustra a dependência de um indivíduo com transtorno de pânico em seu celular. Uma abordagem específica para essa dependência deve ser usada em alguns pacientes com transtorno do pânico. No estudo de King et al. (2010) o mesmo não informa nenhuma correlação entre nomofobia e fobia social no paciente atendido, porém devemos nos ater ao impacto que esta patologia causa no indivíduo (KING, et al., 2010).

Em outro estudo de King junto a outros autores é informado que um indivíduo respondeu satisfatoriamente ao tratamento com medicação e Terapia Cognitivo-Comportamental, o que reduziu seu tempo de uso do computador pessoal e aumentou sua exposição a situações da vida

real. O comportamento nomofóbico produz mudanças nos hábitos cotidianos e pode revelar outros aspectos a serem investigados, como a presença de transtornos mentais comórbidos (KING et al., 2013).

Ko et al. (2014) relatam que a depressão e a hostilidade se agravam no processo de dependência da internet entre adolescentes. Os autores informam que a intervenção sobre a dependência deve ser fornecida para evitar seu efeito negativo na saúde mental. Depressão, hostilidade e ansiedade social diminuíram no processo de remissão da dependência. O estudo sugeriu que as consequências negativas poderiam ser revertidas se a dependência em *internet* passasse por uma remissão dentro de um curto período de tempo (KO et al., 2014).

Dong et al. (2011) avaliaram os papéis dos distúrbios patológicos no Transtorno de dependência de internet e identificou os problemas patológicos nesta dependência. No projeto, explorou o estado mental destes indivíduos antes da dependência, incluindo os traços patológicos que podem desencadear o distúrbio. Nos resultados do estudo concluiu-se que não foi possível identificar um preditor patológico sólido para o transtorno de dependência em *internet*. Segundo os autores o transtorno de dependência em internet pode trazer alguns problemas patológicos não específicos (DONG et al., 2011).

Examinar a correlação entre dependência em *internet* e fobia social é um dos pontos abordados nesta monografia. Nos estudos revisados pode-se perceber algumas inferências acerca deste objetivo, tais como: Arikan et al. (2016) que buscou essa correlação, Taranto et al. (2015) que explorou a relação entre a fobia social e o diagnóstico de dependência em *internet*, Weinstein et al. (2015) que avaliou a dependência em *internet* e a ansiedade social em duas coortes de estudantes universitários em Israel (ARIKAN et al, 2016; TARANTO et al., 2015; WEINSTEIN et al., 2015).

De acordo com Arikan et al. (2016) houve uma correlação positiva entre dependência em internet e fobia social. A forma em que o tempo é gasto na Internet foi examinada em termos de dependência e fobia social. Embora a dependência em *internet* estivesse relacionada a jogos, sites de namoro e navegação na *web*, a fobia social estava relacionada a lições de casa, jogos e navegação na *web*. Nesta pesquisa foi hipotetizado que os adolescentes com fobia social eram dependentes em Internet, e os participantes usavam a Internet para ocupar o tempo em vez de socializar (ARIKAN et al, 2016).

Segundo Taranto et al. (2015), 19 de 402 indivíduos (ou seja, 4,7% da amostra) preencheram os critérios diagnósticos para dependência da Internet, mostrando uma leve

predominância do sexo masculino. 10,9% dos indivíduos preencheram os critérios diagnósticos para um transtorno do espectro da fobia social. Seis sujeitos com dependência em internet (31,8%) também foram diagnosticados com uma condição de espectro de fobia social. Dentro do grupo de estudantes diagnosticados com dependência de internet, 4 (21,05%) indivíduos relataram uso atual ou passado de drogas. Para Weinstein et al. (2015) os resultados do estudo confirmam evidências anteriores de co-ocorrência da dependência em internet e ansiedade social, mas estudos adicionais precisam esclarecer essa associação (TARANTO et al., 2015; WEINSTEIN et al., 2015).

Uysal et al., (2016) trouxe para o campo da relação “nomofobia e fobia social” um objetivo a mais, o de determinar o nível de comportamentos nomofóbicos e sociofóbicos de adultos jovens e considerar até que ponto a nomofobia está relacionada à fobia social. Yen et al. trouxe para seu estudo uma perspectiva quantitativa, onde por meio de pontuações em sistema de inibição comportamental (BIS) / sistema de ativação comportamental (BAS) visou a analisar a gravidade da ansiedade social na vida real e na interação online, e prováveis associações com depressão, dependência em Internet e/ou outros tipos de atividade na *internet* (jogos versus bate-papo) (UYSAL et al., 2016; YEN et al., 2012).

Os resultados do estudo de Yen et al. (2012) mostraram que a ansiedade social era menor quando os indivíduos interagiam online do que quando interagiam *offline*. Depressão, dependência da *internet* e altos escores de BIS e BAS foram associados com alta ansiedade social. Na pesquisa de Uysal et al. (2016) concluiu que o comportamento nomofóbico de adultos jovens prevê seus níveis de fobia social em pequena escala. Ou seja, quando o nível de nomofobia aumenta, seu nível de fobia social é previsível com o aumento em questão (UYSAL et al., 2016; YEN et al., 2012).

Chiao & Chiu (2016) examinou padrões de comportamento de uso de Tecnologia da Informação e Comunicação entre indivíduos que apresentam diagnóstico de fobia social, portanto a sua investigação circundou a área do comportamento destes indivíduos quando expostos ao uso. Outra característica analisada foi a qualidade de vida destas pessoas. Outro estudo na área do comportamento foi o de Billieux et al. (2015) que investigou a validade do modelo de dependência comportamental quando aplicado ao uso patológico do telefone celular (BILLIEUX et al, 2015; CHIAO; CHIU, 2016).

Para Billieux et al. (2015) no geral, a classificação do uso problemático do telefone celular como um comportamento dependente são escassas. Falta estudos que comprovem as

semelhanças comportamentais e neurobiológicas entre dependência de telefone celular e outros tipos de comportamentos dependentes legítimos. Diante deste contexto, os autores propõem um modelo de via integrativa que visa fornecer um referencial teórico para pesquisas futuras. Este modelo destaca que o uso problemático de telefone celular é uma condição heterogênea e multifacetada (BILLIEUX et al, 2015).

Os resultados de Chiao & Chiu (2016) mostram que os usos mais frequentes das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos estudantes socialmente fóbicos foram para comunicação e entretenimento. Relações positivas foram confirmadas entre o uso de Tecnologia de Informação e Comunicação e os aspectos psicológicos e de relacionamento social da qualidade de vida (CHIAO; CHIU, 2016).

Além da autoestima e qualidade de vida, fatores importantes a serem analisados quando se trata do assunto dependência em novas tecnologias, pode-se verificar que um dos temas abordados em um dos trabalhos foi a inteligência emocional. O estudo de Khoshakhlagh & Faramarzi (2012) avaliou a relação entre inteligência emocional e transtornos mentais, com a dependência em internet em estudantes universitários. A inteligência emocional é um fator decisivo no controle e monitoramento do comportamento. Os resultados mostraram uma correlação entre inteligência emocional e transtornos mentais com a dependência em internet. Os resultados podem ajudar terapeutas, psicólogos e conselheiros na prestação de serviços para ajudar os dependentes em internet (KHOSHAKHLAGH; FARAMARZI, 2012).

A dependência é um universo amplo, preocupados com isto Wölfling et al. (2013) fizeram uma pesquisa pautada no impacto que a dependência em internet reflete em pacientes em tratamento de dependência. Taranto et al. (2015) investigou a associação entre dependência em internet e uso indevido de substâncias. Outros autores que abordaram esta área voltada a influência da dependência em internet a outro tipo de dependência foram Long et al. (2015) que exploraram a etiologia genética e ambiental de mensurações de uso da internet e suas associações com transtornos internalizantes (que expressam em relação ao próprio indivíduo) e transtornos por uso de substâncias (LONG et al., 2015; TARANTO et al., 2015; WÖLFLING et al, 2013).

Para Long et al. (2015), diferenças individuais no uso da internet podem ser atribuídas a diferentes graus de riscos genéticos e ambientais. Apesar de algumas associações significativas de pequeno efeito, a variação no uso da internet parecer, em grande parte, não relacionada à psicopatologia. Enquanto Wölfling et al. (2013) relata que a comorbidade em

dependência em internet foi associada a níveis mais altos de sintomas psicossociais, especialmente depressão, sintomas obsessivo-compulsivos e sensibilidade interpessoal. Além disso, os pacientes com dependência em internet preenchem, com mais frequência, os critérios para transtornos mentais adicionais. Eles apresentam taxas mais altas de sintomas psiquiátricos, especialmente depressão, e podem necessitar de tratamento terapêutico adicional (LONG et al., 2015; WÖLFLING et al, 2013).

Os fatores preditivos e os padrões de uso problemático de internet foram amplamente investigados em dois trabalhos. No estudo de Farahani et al. 2018 a análise foi realizada em uma amostra de estudantes adultos. Ko et al. (2009) avaliou os valores preditivos de sintomas psiquiátricos para a ocorrência de dependência de Internet e determinou as diferenças entre os sexos no valor preditivo de sintomas psiquiátricos para a ocorrência de dependência da *internet* em uma população/amostra composta por adolescentes (FARAHANI et al., 2018; KO et al., 2009).

Os resultados do artigo de Ko et al. (2018) sugerem que o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, hostilidade, depressão e fobia social devem ser detectados precocemente e intervenções devem ser realizadas para prevenir a dependência em Internet em adolescentes. Além disso, as diferenças entre os sexos na comorbidade psiquiátrica devem ser levadas em consideração ao desenvolver estratégias de prevenção e intervenção para a dependência em Internet. Enquanto Farahani et al. relata que alguns transtornos mentais afetam a dependência em internet. Considerando a sensibilidade e importância do ciberespaço, é necessário avaliar os transtornos mentais que se correlacionam com esta dependência (FARAHANI et al., 2018; KO et al., 2009).

Um dos objetivos da presente monografia é verificar o impacto que as novas tecnologias trazem para o cotidiano dos indivíduos. Alavi et al. (2012) abrangeu parcialmente este objetivo investigando o impacto da dependência de internet em alguns sintomas psiquiátricos entre estudantes universitários. Weinstein & Lejoyeux (2010) trataram do assunto sobre um outro olhar. Por meio de uma revisão de literatura perscrutou sobre os tópicos de diagnóstico, fenomenologia, epidemiologia e tratamento a respeito da dependência em internet. O tratamento foi investigado por alguns trabalhos, porém o tema não foi abordado com abrangência nestas obras, percebe-se nos trabalhos revisados uma alta preocupação acerca do impacto das novas tecnologias, mas pouco se investiga sobre o tratamento. Uma das hipóteses levantadas seria a metodologia de busca desta monografia que se pautou no impacto sobre as

pessoas e a correlação com a fobia social, ou seja, sugere-se elaboração de revisões futuras que abarcam este espectro dos tratamentos (ALAVI et al, 2012; WEINSTEIN; LEJOYEUX, 2010).

No estudo de Alavi et al. (2012) houve diferenças significativas entre as médias dos sintomas psiquiátricos em todas as subescalas do *SCL-90-R* e Índice de Severidade Global, Índice de Sintomas Positivos, Total de Sintomas Positivos nos indivíduos dependentes e não dependentes. Além disso, a dependência em internet (com o controle de variáveis sexuais) pareceu afetar os sintomas psiquiátricos (ALAVI et al, 2012). De acordo com Weinstein; Lejoyeux (2010), embora os indivíduos dependentes da Internet tenham dificuldade em suprimir seus excessivos comportamentos online na vida real, pouco se sabe sobre os mecanismos cognitivos e fisiopatológicos responsáveis pela dependência da Internet. Segundo os mesmos, em decorrência da falta de pesquisas metodologicamente adequadas, atualmente é impossível recomendar qualquer tratamento baseado em evidências da dependência em Internet (WEINSTEIN; LEJOYEUX, 2010).

Os conceitos de avaliação, a prevalência, o perfil psicopatológico e sociodemográfico, e as diferenças entre culturas e gerações a acerca da dependência em internet foram amplamente discutidas. O total de trabalhos dentre os 34 revisados que objetivaram este campo de estudo foram 5. Kuss et al. (2014) examinou ferramentas e conceitos de avaliação, prevalência e fatores associados em adolescentes e adultos sobre dependência em internet. Taranto et al. (KUSS et al., 2014) realizou a avaliação da prevalência de dependência em internet em uma amostra de estudantes do ensino médio na Itália (KUSS et al. 2014; TARANTO et al., 2015).

King et al. (2017) buscou definir o perfil psicopatológico e sociodemográfico dos usuários que apresentam uso abusivo diário das novas tecnologias (computador, internet e celular) bem como apontar a diferença entre os indivíduos patologicamente dependentes destas ferramentas. Enquanto Alavi et al (2011) realizou um estudo parecido, porém o enfoque de seu trabalho foi determinar a associação de sintomas psiquiátricos com dependência da Internet, controlando os efeitos de variáveis demográficas, como idade, sexo, estado civil e nível educacional. E por fim, Chow & Blaszczyński, (2014) forneceram informações básicas sobre a nomofobia, a sua prevalência entre culturas, as suas semelhanças e diferenças entre culturas e gerações e o papel da nomofobia nas interrupções do ambiente de trabalho (ALAVI et al., 2011; CHOW; BLASZCZYNSKI, 2014; KING et al., 2017).

No estudo de Kuss et al. (2014) os resultados indicam que vários sintomas centrais parecem relevantes para o diagnóstico, que assimila a dependência em internet a outros

transtornos aditivos (KUSS et al., 2014). No trabalho produzido por King et al. (2017), os autores destacam que os usuários que apresentaram maior uso abusivo diário de tecnologias digitais foram as mulheres (69%), com idades entre 18 e 29 anos. O perfil psicopatológico revelou que dentro dos transtornos mentais pesquisados, o maior percentual foi o transtorno de ansiedade generalizada (85%), após o mesmo, o de pânico (51%), agorafobia (49%), depressão (43%), fobia social (15%), transtorno obsessivo compulsivo (13%), estresse pós-traumático (6%) e anorexia (1%) (KING et al., 2017).

Para Ko et al. (2012) os transtornos psiquiátricos combinados (transtorno por uso de substâncias, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, depressão, hostilidade e transtorno de ansiedade social) devem ser avaliados e tratados para prevenir seu efeito deteriorador no prognóstico da dependência em *internet*. Por outro lado, a dependência em *internet* deve receber mais atenção no tratamento de indivíduos com esses transtornos psiquiátricos coexistentes (KO et al., 2012).

O estudo de Alavi et al. (2011) alerta sobre a necessidade de os psiquiatras e psicólogos que atuam no campo da saúde mental estarem cientes dos problemas mentais causados pela dependência da *internet*, como ansiedade, depressão, agressão, trabalho e insatisfação educacional. Também deve ser dada uma maior atenção a este fenômeno crescente e do papel que a psicologia pode ter na abordagem do uso e abuso da *internet*. Os problemas causados pelo uso da *internet* mostram que é necessário melhorar a cultura de uso efetivo da *internet* na sociedade e nas famílias (ALAVI et al., 2011). De acordo com Chow & Blaszczyński (2014) a nomofobia é experimentada globalmente por membros de culturas que são classificadas tanto como contexto alto quanto contexto baixo. Diferenças maiores ocorreram em comportamentos nomofóbicos entre gerações do que entre culturas (CHOW; BLASZCZYŃSKI, 2014).

Entre os 34 materiais revisados, 7 destes apresentaram como metodologia a revisão de literatura, os demais foram amostras, estudos transversais, de coorte, entre outros. Dentre os 7 artigos, 3 não especificaram de forma clara os moldes desta revisão, sendo estes os estudos de Bragazzi & Puente (2014), Billieus et al. (2015) e Chow & Blaszczyński (2014).

Os demais estudos de revisão trouxeram em suas metodologias uma maior elucidação dos processos metodológicos. Viana & Lourenço (2017) realizou uma busca eletrônica dos artigos indexados nas bases *Pubmed* e *Web of Science*, norteada pela associação dos descritores “*Depression*” e “*Adolescent*” com as expressões “*Social Anxiety*” e “*Social Phobia*” e foram encontrados 11 artigos, publicados em diferentes países (VIANA; LOURENÇO, 2017).

Na pesquisa bibliográfica realizada por Kuss et al. (2014) utilizou-se o banco de dados *Web of Science*. De acordo com os autores esse banco de dados foi utilizado por ser mais abrangente do que outros comumente usados, como o *Psycinfo* ou o *PubMed*. Weinstein & Lejoyeux (2010) utilizaram em sua pesquisa um único termo, o “internet addiction” visando identificar revisões publicadas entre 2000-2009 no *Medline* e *PubMed* usando o termo “*internet addiction*”. O estudo de Ko et al. (2012) foi mais minimalista, sendo realizado uma revisão de literatura em um único banco de dados, o PubMed, em 3 de novembro de 2009 (KO et al., 2012; KUSS et al., 2014; WEINSTEIN; LEJOYEUX, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia vimos que as inovações tecnológicas são essenciais para toda a população pois fomenta a globalização e universalização da informação e comunicação. Os resultados nos levam a refletir a importância de se compreender que nem tudo se encontra dentro de uma realidade virtual. Nesta produção foram enfatizados os efeitos e influência que as tecnologias desencadeiam. A dependência é um dos fatores que se mostraram críticos nesse cenário de crescimento das tecnologias da comunicação e informação. Vimos que a mudança de hábitos na atualidade é muito expressiva e perceptível. Onde há um avanço no crescimento do uso de smartphones, tablets, entre outras tecnologias móveis, como também a influência destes aparelhos sobre as relações intrapessoais, interpessoais e de trabalho.

Por meio dos estudos revisados foi possível ter uma visão mais ampla de todo um espectro de comorbidades que podem estar atreladas ao comportamento de dependência pela internet ou outras tecnologias. O duplo diagnóstico mostrou-se presente na nomofobia. A fobia social é vista na maioria dos estudos como comorbidade associada, não sendo exclusivamente ela, porém há um consenso que ela está altamente vinculada ao comportamento. A psicopatologia comórbida também pode aumentar a presença do Transtorno de Dependência pela Internet, sendo a fobia social a mais prevalente. O comportamento evitativo/de esquiva em relação aos relacionamentos interpessoais com pessoas reais e conhecidas, mostrou-se unânime nos estudos de caso.

Junto a fobia social, também foi possível identificar que o interesse perdido em se comunicar com pessoas reais este associado a sintomas psicológicos como ansiedade e depressão, como também a baixa-autoestima, transtornos de humor, abuso de álcool, déficit de atenção/hiperatividade e inteligência emocional. Portanto, a nomofobia, dentre as comorbidades, a fobia social, ansiedade e depressão foram as mais citadas pelos autores, pois as mesmas agem diretamente no comportamento do indivíduo ao se relacionar com outros.

O idioma foi uma das grandes barreiras na produção dessa monografia devido a variedade de escrita que há em um mesmo idioma, estas dificuldades foram mais perceptíveis em produções da Índia e Taiwan, pois além do idioma também apresenta diferenciais na forma e estrutura dos artigos. Em português um único artigo foi selecionado. Mesmo havendo outras produções brasileiras selecionadas, estas estavam escritas unicamente em inglês e quase sempre pelo mesmo grupo de autores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de et al. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 156-167, jun. de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462008000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de mar. de 2019.

ALAVI, Seyyed Salman et al. Impact of Addiction to Internet on a Number of Psychiatric Symptoms in Students of Isfahan Universities, Iran, 2010. **Int J Prev Med.** V. 3, n. 2, p. 122–127. Fev. 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3278877/>>. Acesso em: 14 maio 2019.

ALAVI, Seyyed Salman et al. The effect of psychiatric symptoms on the internet addiction disorder in Isfahan's University students. **J Res Med Sci.** V. 16, n. 6, p. 793–800, jun. 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3214398/>>. Acesso em: 11 maio 2019.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS - **DSM-V**. 5^a.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

AMERINGEN, Michael Van et al. Potential Use Of Internet-Based Screening For Anxiety Disorders: A Pilot Study. **Depression And Anxiety**, v. 27, p. 1006–1010, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/45709862_Potential_use_of_Internet-based_screening_for_anxiety_disorders_A_pilot_study>. Acesso em: 18 maio 2019.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; NETO, Francisco Lotufo. **A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais - o DSM-5**. Rev. bras. ter. comport. Cogn. vol.16 nº.1. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007>. Acesso em 12 mar. 2019.

ARIKAN, Emriye Hilal et al. Examination of the Correlation Between Internet Addiction and Social Phobia in Adolescents. *Western Journal of Nursing Research*. p. 1-15, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27561297>>. Acesso em: 16 maio 2019.

AUSTRALIAN MOBILE TELECOMMUNICATIONS ASSOCIATION. **AMTA 2003 Annual Report**. Canberra, Australian Capital Territory: Australian Mobile Telecommunications Association; 2003. Disponível em: <https://www.commsalliance.com.au/__data/assets/pdf_file/0018/25137/ACMA-Reconnecting-the-Customer-Subm_AMTA--and--CA_FINAL.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019

BEARD, K. W. Internet addiction: A review of current assessment techniques and potential assessment questions. **Cyberpsychol Behav.** 2005, v. 8, n. 1, p. 7-14. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15738688>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BERANUY, M; et al. Problematic Internet and mobile phone use and clinical symptoms in college students: the role of emotional intelligence. **Comput. Hum. Behav.** 2009, v. 25, n. 5, p. 1182–1187. Disponível em: <https://scholar.google.com/scholar_lookup?journal=Comput+Hum+Behav&title=Problematic+Internet+and+mobile+phone+use+and+clinical+symptoms+in+college+students:+the+role+of+emotional+intelligence&author=M+Beranuy&author=U+Oberst&author=X+Carbonell&author=A+Chamarro&volume=25&issue=5&publication_year=2009&pages=1182-1187>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BERNARDI, Silvia; PALLANTI, Stefano. Internet addiction: a descriptive clinical study focusing on comorbidities and dissociative symptoms. **Comprehensive Psychiatry**. V. 50, p. 510–516, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/38021656_Internet_addiction_A_descriptive_clinical_study_focusing_on_comorbidities_and_dissociative_symptoms>. Acesso em: 17 maio 2019.

BIANCHI, Adriana; PHILLIPS, James G. Psychological Predictors of Problem Mobile Phone Use. **CyberPsychology & Behavior**. V. 8, n.1, fev. 2005. Disponível em: <<https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cpb.2005.8.39>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

BILLIEUX, Joël et al. Can Disordered Mobile Phone Use Be Considered a Behavioral Addiction? An Update on Current Evidence and a Comprehensive Model for Future Research. **Curr Addict Rep**. V. 2, p. 156–162, 2015. Disponível em: <<http://irep.ntu.ac.uk/id/eprint/10480/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

BOZKURT, Hasan. Prevalence and patterns of psychiatric disorders in referred adolescents with Internet addiction. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**; v. 67, p. 352–359, 2013. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/pcn.12065>>. Acesso em: 15 maio 2019.

BRAGAZZI, Nicola Luigi; PUENTE, Giovanni Del. A proposal for including nomophobia in the new DSM-V. **Psychology research and behavior management**. Vol. 7, p. 155-60. Maio de 2014. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4036142/>>. Acesso em 24 mar. 2019.

CHIAO, Chi; CHIU, Chiung-Hui. The relationships between ICT use and life quality among children with social phobia. **International Conference on Teaching, Assessment, and**

Learning for Engineering. 2016. Disponível em:<<https://ieeexplore.ieee.org/document/7851765/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

CHOW, Monica; BLASZCZYNSKI, Carol. The Global Rise of Nomophobia: Present and Future Workplace Considerations. **Journal for Global Business Education**. V. 13, 2014. Disponível em:<<https://isbeusa.files.wordpress.com/2015/01/2014-journal-for-global-business-education.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2019.

DALBUDAK, E., et al., Relationship of Internet addiction with impulsivity and severity of psychopathology among Turkish university students. **Psychiatry Research**, 2013. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23998359>>. Acesso em: 17 maio 2019.

DONG, Guangheng et al. Precursor or Sequela: Pathological Disorders in People with Internet Addiction Disorder. **PLoS ONE**. V. 6, n. 2, 2011. Disponível em:<<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0014703>>. Acesso em: 15 maio 2019.

DURAK, Hatice Yıldız. What Would You Do Without Your Smartphone? Adolescents' Social Media Usage, Locus of Control, and Loneliness as a Predictor of Nomophobia. **Addicta: The Turkish Journal on Addictions**. V. 5, n. 2, p. 1-15, 2018. Disponível em:<<http://addicta.com.tr/wp-content/uploads/2018/03/ADDICTA-T-2017-0025-OnlineFirst.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2019.

FARAHANI, Malihe et al. Psychological Factors Including Demographic Features, Mental Illnesses, and Personality Disorders as Predictors in Internet Addiction Disorder. **Iran J Psychiatry**. V. 13, n. 2, p. 103-110, 2018. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6037575/>>. Acesso em: 11 maio 2019.

FLOROS, Georgios et al. Comorbidity of psychiatric disorders with Internet addiction in a clinical sample: The effect of personality, defense style and psychopathology. **Addictive Behaviors**. V. 39, p. 1839–1845, 2014. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25129172>>. Acesso em: 02 maio 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ-BUESO, Vega et al. Association between Internet Gaming Disorder or Pathological Video-Game Use and Comorbid Psychopathology: A Comprehensive Review. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 15, p. 668, 2018. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/324200970_Association_between_Internet_Gaming_Disorder_or_Pathological_Video-Game_Use_and_Comorbid_Psychopathology_A_Comprehensive_Review>. Acesso em 10 maio 2019.

GREEN J. Language: intrtxtlty. **Crit Q.** 2007 p. 124–128. Disponível em:<https://scholar.google.com/scholar_lookup?journal=Crit+Q&title=Language:+intrtxtlty&author=J+Green&volume=49&publication_year=2007&pages=124-128&>. Acesso em: 27 mar. 2019.

HO, Roger C. et al. The association between internet addiction and psychiatric co-morbidity: a meta-analysis. **B.M.C. Psychiatry**, v. 14, n. 183, 2014. Disponível em:<<https://bmcpsy psychiatry.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-244X-14-183>>. Acesso em: 04 maio 2019.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - USP. **O que é revisão da literatura.** Biblioteca Dante Moreira Leite. Disponível em:< <http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2019.

JIMÉNEZ-MURCIA, Susana et al. Video Game Addiction in Gambling Disorder: Clinical, Psychopathological, and Personality Correlates. **BioMed Research International**, p. 1-11, 2014. Disponível em:<<https://www.hindawi.com/journals/bmri/2014/315062/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

KATZ, James E.; AAKHUS, Mark. **Perpetual Contact:** Mobile Communication, Private Talk, Public Performance. Cambridge: Cambridge University Press; 2002. Disponível em:<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Wt5AsHEgUh0C&oi=fnd&pg=PR9&ots=YU1u2cJvqF&sig=dSrpJE2p3DlcXK4UIHbZpcqNGXY&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 27 mar. 2019.

KHOSHAKHLAGH, Hasan; FARAMARZI, Salar. The Relationship of Emotional Intelligence and Mental Disorders with Internet Addiction in Internet Users University Students. *Addict Health*. V. 4, n. 3-4, p. 133-141, 2012. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24494148>>. Acesso em: 12 maio 2019.

KING, Anna Lucia Spear, et al. Nomophobia: Clinical and Demographic Profile of Social Network Excessive Users. **J Addict Res Ther**. V. 8, n. 4, p. 339, 2017. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/319010116_Nomophobia_Clinical_and_Demographic_Profile_of_Social_Network_Excessive_Users>. Acesso em: 03 maio 2019.

KING, Anna Lucia Spear et al. **Nomofobia.** Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. São Paulo, SP: Atheneu, 2014. 327 pp.

KING, Anna Lucia Spear, et al. Nomophobia: Dependency on virtual environments or social phobia?. **Computers in Human Behavior**. V. 29, p. 140–144, 2013. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/257253050_Nomophobia_Dependency_on_virtual_environments_or_social_phobia>. Acesso em: 18 maio 2019.

KING, Anna Lucia Spear et al. Nomophobia: The mobile phone in panic disorder with agoraphobia – Reducing phobias or worsening of dependence? **Cognitive and Behavioral Neurology**, p. 52–54, 2010. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20299865>>. Acesso em 14 fev. 2019

KING, D. L. et al. Toward a consensus definition of pathological video-gaming: A systematic review of psychometric assessment tools. **Clin. Psychol. Rev.** 2013, v. 33, p. 331–342. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23396015>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

KING, D. L.; DELFABBRO, P. H. Issues for DSM-5: Video-gaming disorder? **Aust. N. Z. J. Psychiatry**. 2013, v. 47, p. 20–22. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23293310>>. Acesso em: 01 maio 2019.

KO, Chih-Hung et al. Predictive Values of Psychiatric Symptoms for Internet Addiction in Adolescents. **Arch Pediatr Adolesc Med**. V. 163, n. 10, p. 937–943, 2009. Disponível em:<<https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/382237>>. Acesso em: 06 maio 2019.

KO, Chih-Hung. et al. The association between Internet addiction and psychiatric disorder: **A review of the literature. European Psychiatry**. V. 27, p. 1–8, 2012. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22153731>>. Acesso em: 17 maio 2019.

KO, Chih-Hung et al. The exacerbation of depression, hostility, and social anxiety in the course of internet addiction among adolescents: a prospective study. **Comprehensive Psychiatry**, 2014. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/263205439_The_exacerbation_of_depression_hostility_and_social_anxiety_in_the_course_of_Internet_addiction_among_adolescents_A_prospective_study>. Acesso em: 08 maio 2019.

KOÇ, Mustafa. Internet Addiction And Psychopatology. **TOJET: The Turkish Online Journal of Educational Technology**. V. 10, n. 1, Jan., 2011. Disponível em:<<https://eric.ed.gov/?id=EJ926563>>. Acesso em: 13 maio 2019.

KRAUT R. et al. Internet paradox: a social technology that reduces social involvement and psychological well-being. **Am Psychol**. 1998; v. 53, n.9, p. 1017–1031. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9841579>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

KUMAR, et al. A study on Internet addiction and its relation to psychopathology and self-esteem among college students. **Industrial Psychiatry Journal**. Vol. 27, n. 1, 2018. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6198588/>>. Acesso em: 02 abril 2019.

KUSS, D. J. et al. Internet Addiction: A Systematic Review of Epidemiological Research for the Last Decade. **Current Pharmaceutical Design**. V. 20, p. 4026-4052, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24001297>>. Acesso em: 18 maio 2019.

LEHENBAUER-BAUM, Mario et al. Addiction and Engagement: An Explorative Study Toward Classification Criteria for Internet Gaming Disorder. **Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking**. Viena, Áustria, Vol.18, n. 6, 2015. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cyber.2015.0063?rfr_dat=cr_pub%3Dpubmed&url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org&journalCode=cyber>. Acesso em 20 abr. 2019.

LONG, Elizabeth C. et al. The Genetic and Environmental Contributions to Internet Use and Associations With Psychopathology: A Twin Study. **Twin Research and Human Genetics**. Vol. 19 N. 1 p. 1–9, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4756632/>>. Acesso em: 02 maio 2019.

MALLORQUÍ-BAGUÉ, Nuria et al. Internet gaming disorder and online gambling disorder: Clinical and personality correlates. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 6, n. 4, p. 669–677, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322090262_Internet_gaming_disorder_and_online_gambling_disorder_Clinical_and_personality_correlates>. Acesso em: 12 maio 2019.

MCCOMBS, Gillian M. BROSAN, Mark J. Technophobia: The Psychological Impact of Information Technology. London and New York: Routledge, 1998. 220p. **College & Research Libraries**, [S.l.], v. 61, n. 2, p. 170-172, mar. 2000. ISSN 2150-6701. Disponível em: <<https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/15358>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Cabeças Digitais: O Cotidiano na Era da Informação Digital**. Rio de Janeiro. Puc-Rio: Loyola. 2006. Disponível em: < http://gips.usuarios.rdc.puc-rio.br/cabecas_digitais.pdf>. Acesso em 13 fev. 2019.

OKOYE, Chukwuemeka A. F. et al. Nomophobia among undergraduate: Predictive influence of personality traits. **Practicum Psychologia**, v. 7, n. 2, p. 64-74, 2017. Disponível em: <<https://journals.aphriapub.com/index.php/PP/article/download/415/390/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

OLIVEIRA, THYCIANE SANTOS et al. CADÊ MEU CELULAR? UMA ANÁLISE DA NOMOFOBIA NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 57, n. 6, p. 634-635, Dez. 2017. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902017000600634&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 mar. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-11** - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 11a rev. Vol 1, 2018. Disponível em:<<https://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PEREIRA, Mauricio Gomes; GALVAO, Taís Freire. Etapas de busca e seleção de artigos em revisões sistemáticas da literatura. **Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília**, v. 23, n. 2, p. 369-371, jun. 2014. Disponível em:<http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000200019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2019.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD CONTÍNUA. **Síntese De Indicadores 2015/IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, IBGE, 2016, 108p. Disponível em:<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2019.

RIBAK, Rivka. Remote control, umbilical cord and beyond: The mobile phone as a transitional object. **British Journal of Developmental Psychology**. V. 27, n. 1, p.183-196, mar. 2009. Disponível em:< <http://ovidsp.tx.ovid.com/sp-3.33.0b/ovidweb.cgi?T=JS&PAGE=fulltext&D=ovft&AN=00011582-200903000-00011&NEWS=N&CSC=Y&CHANNEL=PubMed>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SAMKANGE-ZEEB, F; BLETTNER, M. Emerging aspects of mobile phone use. **Emerging health threats jornal**. Vol. 2, 2009, ed. 5. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3167644/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

SETHIA, Soumitra. A study to assess the degree of nomophobia among the undergraduate students of a medical college in Bhopal. **Int J Community Med Public Health**. Vol. 5, n. 6, 2018. Disponível em:<<https://www.ijcmph.com/index.php/ijcmph/article/view/2923>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SEVELKO, Katrin. et al. The role of self-esteem in Internet addiction within the context of comorbid mental disorders: Findings from a general population-based sample. **Journal of Behavioral Addictions**. v. 7, n. 4, p. 976–984, 2018. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6376382/>>. Acesso em: 19 maio 2019.

SHANKAR, Vishnu et al. Nomophobia: Detection and Analysis of Smartphone Addiction in Indian Perspective. **International Journal of Applied Engineering Research**, v. 13, n. 14, p. 11593-11599, 2018. Disponível em:<https://www.ripublication.com/ijaer18/ijaerv13n14_36.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

SIM, T. et al. A Conceptual Review of Research on the Pathological Use of Computers, Video Games, and the Internet. **Int. J. Ment. Health Addict.** 2012, v. 10, p. 748–769. Disponível em:<https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=A%20Conceptual%20Review%20of%20Research%20on%20the%20Pathological%20Use%20of%20Computers,%20Video%20Games,%20and%20the%20Internet&author=Sim,+T.&author=Gentile,+D.A.&author=Bricolo,+F.&author=Serpelloni,+G.&author=Gulamoydeen,+F.&publication_year=2012&journal=Int.+J.+Ment.+Health+Addict.&volume=10&pages=748%E2%80%93769&doi=10.1007/s11469-011-9369-7>. Acesso em: 01 maio 2019.

SINGH, KarmPaul; BROWN, Richard J. Hábitos de saúde relacionados à saúde e ansiedade em saúde em estudantes universitários. **Ansiedade, Estresse e Enfrentamento**, v. 27, n. 5, p. 542-554, 2014. Disponível em:<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10615806.2014.888061?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SIONI, Sasha R. et al. Internet gaming disorder: Social phobia and identifying with your virtual self. **Computers in Human Behavior**, v. 71, p. 11-15, 2017. Disponível em:<<https://asu.pure.elsevier.com/en/publications/internet-gaming-disorder-social-phobia-and-identifying-with-your->>. Acesso em: 17 maio 2019.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 fev. 2019.

STARCEVIC, V.; ABOUJAOUDE, E. Internet addiction: Reappraisal of an increasingly inadequate concept. **CNS Spectr.** 2017, v. 22, p. 7–13. Disponível em:<https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=Internet%20addiction:%20Reappraisal%20of%20an%20increasingly%20inadequate%20concept&author=Starcevic,+V.&author=Aboujaoude,+E.&publication_year=2017&journal=CNS+Spectr.&volume=22&pages=7%E2%80%9313&doi=10.1017/S1092852915000863&pmid=26831456>. Acesso em: 01 maio 2019.

TAMS, Stefan et al. Smartphone withdrawal creates stress: A moderated mediation model of nomophobia, social threat, and phone withdrawal context. **Computers in Human Behavior**, v. 81, p. 1-9, 2018. Disponível em:<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563217306647>>. Acesso em: 18 maio 2019.

TARANTO, Francesco et al. Internet Addiction Disorder in a Sample of 402 High School Students. **Psychiatr. Pol.**, v. 49, n. 2, p. 255–263, 2015. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26093590>>. Acesso em: 14 maio 2019.

THOMPSON, T. Demographic and motivation variables associated with Internet usage activities. **Internet Res.** 2001, v. 11, p. 125–137. Disponível em:<https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=Demographic%20and%20motivation%20variables%20associated%20with%20Internet%20usage%20activities&author=Thompson,+T.&publication_year=2001&journal=Internet+Res.&volume=11&pages=125%E2%80%93137&doi=10.1108/10662240110695089>. Acesso em: 01 maio 2019.

THORENS, Gabriel et al. Characteristics and treatment response of self-identified problematic Internet users in a behavioral addiction outpatient clinic. **Journal of Behavioral Addictions**. v. 3, n. 1, p. 78–81, 2014. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4117276/>>. Acesso em: 16 maio 2019.

TONIONI, Federico et al. Internet addiction: hours spent online, behaviors and psychological symptoms. **General Hospital Psychiatry**. V. 34, p. 80–87, 2012. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22036735>>. Acesso em: 17 maio 2019.

TRAN, Dewey. Classifying Nomophobia as Smart-Phone Addiction Disorder. **U.C. Merced Undergraduate Research Journal**, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em:<<https://escholarship.org/uc/item/0pq332g4>>. Acesso em: 12 maio 2019.

UYSAL, Şengül et al. Social Phobia in Higher Education: The Influence of Nomophobia on Social Phobia. **The Global Elearning Journal**. V. 5, n. 2, 2016. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/302411001_Social_Phobia_in_Higher_Education_The_Influence_of_Nomophobia_on_Social_Phobia>. Acesso em: 28 abr. 2019.

VIANA, Raquel de Souza; LOURENÇO, Lélío Moura. Estudo Qualitativo Sobre A Depressão E A Ansiedade Social Na Adolescência: Uma Revisão Bibliográfica. *Psicologia.pt: O Portal dos Psicólogos*. 2017. Disponível em:<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1084.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2019.

WEI, Han-Ting et al. The association between online gaming, social phobia, and depression: an internet survey. **B. M. C. Psychiatry**, p. 12-92, 2012. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3545926/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

WEINSTEIN, Aviv et al. Internet addiction is associated with social anxiety in young adults. **Annals of Clinical Psychiatry**, vol. 27, n. 1, fev. 2015. Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Aviv_Weinstein4/publication/269753493_Internet_>

addiction_is_associated_with_social_anxiety_in_young_adults/links/54953d8d0cf29b9448211eaf.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

WEINSTEIN, Aviv; LEJOYEUX Michel. Internet Addiction or Excessive Internet Use. **The American Journal of Drug and Alcohol Abuse**. V. 36, n. 5, p. 277-283, 2010. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20545603>>. Acesso em: 12 maio 2019.

WÖLFLING, Klaus et al. Comorbid Internet Addiction in Male Clients of Inpatient Addiction Rehabilitation Centers Psychiatric Symptoms and Mental Comorbidity. *The Journal of Nervous and Mental Disease*. v. 201, n. 11, p. 934-940, nov. 2013. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24177479>>. Acesso em: 09 maio 2019.

YEN, Cheng-Fang et al. Internet addiction: ongoing research in Asia. **Department of Psychiatry**, Kaohsiung Medical University and Kaohsiung Medical University Hospital, Kaohsiung, Taiwan, 2010. Disponível em:<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/j.2051-5545.2010.tb00285.x>>. Acesso em: 15 maio 2019.

YEN, Ju-Yu et al. Social Anxiety in Online and Real-Life Interaction and Their Associated Factors. **Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking**. Vol. 15, N. 1, 2012. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3260965/>>. Acesso em: 08 maio 2019.

YILDIRIM, Caglar; CORREIA, Ana-Paula. Understanding Nomophobia: A Modern Age Phobia Among College Students. **P. Zaphiris and A. Ioannou**. p. 724–735, 2015. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/300644351_Understanding_Nomophobia_A_Modern_Age_Phobia_Among_College_Students>. Acesso em: 01 maio 2019.

YUNG, Kathryn et al. Internet addiction disorder and problematic use of Google Glass™ in patient treated at a residential substance abuse treatment program. **Addictive Behaviors**, v. 41, p. 58–60, 2015. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25306386>>. Acesso em: 13 maio 2019.

APÊNDICE

Quadro 1 - Descrição Do Processo De Pesquisa Dos Artigos

Combinação	Quantidade de artigos encontrados	Quantidade de artigos pré-selecionados
1 - internet addiction AND phobic disorders	BVS: 10 artigos encontrados. Google Scholar: 13.800 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: 137 artigos encontrados. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: 7 artigos selecionados e 3 excluídos Google Scholar: 1º intervalo: 7 artigos selecionados e 3 duplicados. 2º intervalo: 6 artigos selecionados, 1 duplicado e 3 excluídos. 3º intervalo: 5 artigos selecionados e 5 excluídos. 4º intervalo: 5 artigos selecionados e 5 excluídos. 5º intervalo: 10 artigos excluídos. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: 1º intervalo: 3 artigos selecionados, 1 duplicado e 6 excluídos. 2º intervalo: 2 artigos selecionados, 1 duplicado e 7 excluídos. 3º intervalo: 2 artigos selecionados, 1 duplicado e 7 excluídos. 4º intervalo: 1 artigo selecionado e 9 excluídos. 5º intervalo: 1 artigo duplicado e 9 excluídos. SciELO: nenhum artigo selecionado.
2 - vício em internet AND transtornos fóbicos	BVS: 1 artigo encontrado Google Scholar: 171 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: nenhum artigo encontrado. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: nenhum artigo selecionado. Google Scholar: 1º intervalo: 1 artigo selecionado e 9 excluídos. 2º intervalo: artigos 10 excluídos. 3º intervalo: 1 artigo selecionado e 9 excluídos. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: nenhum artigo selecionado. SciELO: nenhum artigo selecionado.

Combinação	Quantidade de artigos encontrados	Quantidade de artigos pré-selecionados
3 - vício em internet AND trastornos fóbicos	BVS: 2 artigos encontrados. Google Scholar: 281 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: nenhum artigo encontrado. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: nenhum artigo selecionado. Google Scholar: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: nenhum artigo selecionado. SciELO: nenhum artigo selecionado.
4 - dependencia em internet AND trastornos fóbicos	BVS: 3 artigos encontrados. Google Scholar: 1.360 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: nenhum artigo encontrado. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: 1 artigo duplicado e 2 excluídos. Google Scholar: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: nenhum artigo selecionado. SciELO: nenhum artigo selecionado.
5 - dependência em internet AND transtornos fóbicos	BVS: 2 artigos encontrados. Google Scholar: 580 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: nenhum artigo encontrado. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: 2 artigos duplicados. Google Scholar: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: nenhum artigo selecionado. SciELO: nenhum artigo selecionado.
6 - nomofobia AND transtornos fóbicos	BVS: nenhum artigo encontrado. Google Scholar: 204 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado.	BVS: nenhum artigo selecionado. Google Scholar: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado.

Combinação	Quantidade de artigos encontrados	Quantidade de artigos pré-selecionados
	PubMed: 86 artigos encontrados. SciELO: nenhum artigo encontrado.	4º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. SciELO: nenhum artigo selecionado.
7 - nomofobia AND transtornos fóbicos	BVS: nenhum artigo encontrado. Google Scholar: 484 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: 638 artigos encontrados. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: nenhum artigo selecionado. Google Scholar: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: 1º intervalo: nenhum artigo selecionado. 2º intervalo: nenhum artigo selecionado. 3º intervalo: nenhum artigo selecionado. 4º intervalo: nenhum artigo selecionado. SciELO: nenhum artigo selecionado.
8 - nomophobia AND phobic disorders	BVS: 4 artigos encontrados. Google Scholar: 319 artigos encontrados. LILACS: nenhum artigo encontrado. PePSIC: nenhum artigo encontrado. PubMed: nenhum artigo encontrado. SciELO: nenhum artigo encontrado.	BVS: nenhum artigo selecionado. Google Scholar: 1º intervalo: 6 artigos selecionados, 1 duplicado e 3 excluídos. 2º intervalo: 1 artigo selecionado e 9 excluídos. 3º intervalo: 1 artigo selecionado e 9 excluídos. 4º intervalo: 3 artigos selecionados e 7 excluídos. 5º intervalo: 3 artigos selecionados e 1 duplicado. 6º intervalo: nenhum artigo selecionado. LILACS: nenhum artigo selecionado. PePSIC: nenhum artigo selecionado. PubMed: nenhum artigo selecionado.

Combinação	Quantidade de artigos encontrados	Quantidade de artigos pré-selecionados
		SciELO: nenhum artigo selecionado.
Observação: a análise dos artigos foi realizada em intervalos de 10 em 10, após analisar os 30 primeiros artigos foi atribuído o seguinte critério de exclusão: considera-se concluída a pesquisa no intervalo que não for encontrado trabalhos que se enquadrem nesta pesquisa. Este critério foi atribuído devido a numerosa bibliografia existente.		

Quadro 2 - Referências Excluídas Entre Os Artigos Pré-Selecionados

Nº	Referências	Motivos
1	SETHIA, Soumitra et al. A study to assess the degree of nomophobia among the undergraduate students of a medical college in Bhopal. Int. J. Community Med. Public Health . v. 5, n. 6, p. 2442-2445. Jun, 2018.	O estudo foi realizado para descobrir a prevalência de nomofobia no Gandhi Medical College, em Bhopal, Índia. Portanto, não abordou aspectos que respondam a questão de pesquisa desta monografia.
2	LEHENBAUER-BAUM, Mario et al. Addiction and Engagement: An Explorative Study Toward Classification Criteria for Internet Gaming Disorder. Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking . v. 18, n. 6, 2015.	O estudo investigou diferenças entre engajamento e dependência em uma amostra de língua alemã de jogadores especialistas em <i>World of Warcraft</i> . Usando um questionário on-line. A produção abordou aspectos referentes ao jogo patológico e normal, sendo que o mesmo apresenta estudos específicos referente a dependência.
3	GONZÁLEZ-BUESO, Vega et al. Association between Internet Gaming Disorder or Pathological Video-Game Use and Comorbid Psychopathology: A Comprehensive Review. Int. J. Environ. Res. Public Health , v. 15, p. 668, 2018.	O estudo revisou sistematicamente a literatura atual a fim de explorar a associação entre Transtorno do Jogo pela Internet e psicopatologia. Não abrangendo os aspectos desta pesquisa, pois apresenta estudos específicos referente a dependência.
4	TRAN, Dewey. Classifying Nomophobia as Smart-Phone Addiction Disorder. U.C. Merced Undergraduate Research Journal , v. 9, n. 1, 2016.	A revisão bibliográfica resume pesquisas anteriores sobre dependência em telefones inteligentes, nomofobia e transtornos de personalidade. Ou seja, não abrange aspectos referente a fobia social e não responde a questão que se refere ao impacto no cotidiano dos indivíduos.
5	YUNG, Kathryn et al. Internet addiction disorder and problematic use of Google Glass™ in patient treated at a residential substance abuse treatment program. Addictive Behaviors , v. 41, p. 58–60, 2015.	Relato sobre um homem de 31 anos que exibiu uso problemático do <i>Google Glass</i> . O trabalho trata-se de um relato a respeito do

Nº	Referências	Motivos
		uso de uma única tecnologia e marca específica, tendo como amostra um único indivíduo.
6	YEN, Cheng-Fang et al. Internet addiction: ongoing research in Asia. Department of Psychiatry , Kaohsiung Medical University and Kaohsiung Medical University Hospital, Kaohsiung, Taiwan, 2010.	O material não se trata de artigo científico, mas sim de um editorial.
7	MALLORQUÍ-BAGUÉ, Nuria et al. Internet gaming disorder and online gambling disorder: Clinical and personality correlates. Journal of Behavioral Addictions , v. 6, n. 4, p. 669–677, 2017.	O estudo visa melhor conceituar o distúrbio do jogo pela Internet, comparando-o com os pacientes que participam de jogos online. Não abrangendo os aspectos desta pesquisa, pois apresenta estudos específicos referente a dependência
8	SIONI, Sasha R. et al. Internet gaming disorder: Social phobia and identifying with your virtual self. Computers in Human Behavior , v. 71, p. 11-15, 2017.	O estudo explorou as relações entre os sintomas do Transtorno de Jogo pela Internet e dois potenciais fatores de risco: fobia social e identificação de jogador-avator. Ou seja, trata-se de uma tecnologia que apresenta estudos específicos.
9	OKOYE, Chukwuemeka A. F. et al. Nomophobia among undergraduate: Predictive influence of personality traits. Practicum Psychologia , v. 7, n. 2, p. 64-74, 2017.	O estudo examinou traços de Personalidade como preditores de nomofobia entre graduandos da Universidade Nnamdi Azikiwe Awka. Não abrangendo aspectos referente a fobia social e o impacto no cotidiano dos indivíduos.
10	SHANKAR, Vishnu et al. Nomophobia: Detection and Analysis of Smartphone Addiction in Indian Perspective. International Journal of Applied Engineering Research , v. 13, n. 14, p. 11593-11599, 2018.	O trabalho, tratou-se da usabilidade do smartphone e suas consequências futuras, não abordando aspectos referente a fobia social.
11	AMERINGEN, Michael Van et al. Potential Use Of Internet-Based Screening For Anxiety Disorders: A Pilot Study. Depression And Anxiety , v. 27, p. 1006–1010, 2010.	O estudo publicou um questionário de triagem diagnóstica de autorrelato para os transtornos de ansiedade e de humor do DSM-IV (MACSCREEN) no site de uma clínica.

Nº	Referências	Motivos
		Portanto, não se trata da relação entre nomofobia e fobia social, mas sim o uso da internet como mecanismo de autodiagnóstico.
12	DALBUDAK, E., et al., Relationship of Internet addiction with impulsivity and severity of psychopathology among Turkish university students. Psychiatry Research , 2013.	O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre dependência em Internet com a impulsividade e a severidade da psicopatologia entre estudantes de uma universidade turca. Não abrangendo o foco desta monografia.
13	TAMS, Stefan et al. Smartphone withdrawal creates stress: A moderated mediation model of nomophobia, social threat, and phone withdrawal context. Computers in Human Behavior , v. 81, p. 1-9, 2018.	O estudo desenvolve um novo modelo de pesquisa indicando que a Nomofobia impacta o estresse através da percepção de uma ameaça social e que esse efeito indireto depende do contexto de uma situação de abstinência telefônica. Não abrangendo aspectos referente a fobia social.
14	WEI, Han-Ting et al. The association between online gaming, social phobia, and depression: an internet survey. B. M. C. Psychiatry , p. 12-92, 2012.	O estudo procurou investigar as características de jogadores <i>online</i> .
15	YILDIRIM, Caglar; CORREIA, Ana-Paula. Understanding Nomophobia: A Modern Age Phobia Among College Students. P. Zaphiris and A. Ioannou . p. 724–735, 2015	O estudo qualitativo buscou identificar as dimensões da nomofobia descritas por estudantes universitários.
16	JIMÉNEZ-MURCIA, Susana et al. Video Game Addiction in Gambling Disorder: Clinical, Psychopathological, and Personality Correlates. BioMed Research International , p. 1-11, 2014.	O trabalho identificou as prevalências de uso de videogame e dependência em pacientes com o transtorno do jogo e os compararam com indivíduos não dependentes em relação ao seu comportamento de jogo, psicopatologia e características de personalidade
17	DURAK, Hatice Yıldız. What Would You Do Without Your Smartphone? Adolescents' Social Media Usage, Locus of Control, and Loneliness as a Predictor of Nomophobia. Addicta: The Turkish Journal on Addictions . V. 5, n. 2, p. 1-15, 2018.	O estudo teve como objetivo determinar o uso de smartphones pelos adolescentes e os níveis

Nº	Referências	Motivos
		de nomofobia, além de examinar as variáveis relacionadas à nomofobia.

Quadro 3 - Descrição Dos Artigos Seleccionados

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
1	BRAGAZZI, Nicola Luigi; PUENTE, Giovanni Del. A proposal for including nomofobia in the new DSM-V. Psychology Research and Behavior Management . V. 7, p. 155–160, 2014.	Itália	Revisão de literatura	Considerar a inclusão da nomofobia no DSM-V, por meio de uma visão abrangente da literatura existente, discutindo a relevância clínica desta patologia, suas características epidemiológicas, as escalas psicométricas disponíveis e o tratamento proposto.	A tecnologia através de novas mídias sociais, sites de redes sociais, informática, software permite realizar o trabalho mais rapidamente e com eficiência. Por outro lado, os dispositivos móveis podem ter um impacto perigoso na saúde humana. Mais pesquisas são necessárias, para investigar mais a fundo os aspectos psicológicos da nomofobia e fornecer uma definição padronizada e operacional da mesma.
2	KUMAR, Manish; MONDAL, Anwesha. A study on Internet addiction and its relation to psychopathology and self-esteem among college students. Ind Psychiatry J. ; v. 27, n. 1, p. 61–66, Jan-Jun, 2018.	Índia	Seleção de 200 estudantes universitários de diferentes faculdades de Kolkata através de uma amostragem aleatória. Após a seleção da amostra foram usadas, a Escala de Dependência de Internet de Young, a Lista de Sintomas de Revisão 90 e a Escala de Autoestima de Rosenberg para avaliar	O principal objetivo deste estudo foi explorar o uso da Internet e sua relação com a psicopatologia e a autoestima entre estudantes universitários.	Foram identificadas correlações entre a depressão, a ansiedade e a sensibilidade interpessoal com a dependência em Internet. Junto com isso, a baixa autoestima também esteve associada a possíveis usuários da Internet.

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			o uso da Internet, psicopatologia e autoestima dos estudantes universitários		
3	BILLIEUX, Joël et al. Can Disordered Mobile Phone Use Be Considered a Behavioral Addiction? An Update on Current Evidence and a Comprehensive Model for Future Research. Curr Addict Rep. V. 2, p. 156–162, 2015	Bélgica e Reino Unido	Revisão de literatura	Primeiro, a validade do modelo de dependência comportamental, quando aplicado ao uso problemático do telefone celular. Segundo, propor um modelo de via integrativa que visa fornecer um quadro teórico para futuras pesquisas sobre uso problemático de celular.	No geral, a classificação do uso problemático do telefone celular como um comportamento dependente são escassas. Em particular, falta estudos que comprovem as semelhanças comportamentais e neurobiológicas entre dependência de telefone celular e outros tipos de comportamentos dependentes legítimos. Diante deste contexto, propõe-se um modelo de via integrativa que visa fornecer um referencial teórico para pesquisas futuras. Este modelo destaca que o uso problemático de telefone celular é uma condição heterogênea e multifacetada
4	THORENS, Gabriel et al. Characteristics and treatment response of self-identified problematic Internet users in a behavioral addiction outpatient	Hungria	Este estudo retrospectivo incluiu 57 pacientes que consultaram o Ambulatório de	Descrever o tratamento e a evolução desses pacientes, bem como para caracterizá-los em termos demográficos,	Sessenta e oito por cento dos pacientes apresentava diagnóstico psiquiátrico comórbido, sendo a fobia social a mais prevalente

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
	clinic. Journal of Behavioral Addictions . v. 3, n. 1, p. 78–81, 2014.		dependentes de Genebra de 1 de janeiro de 2007 a 1 de janeiro de 2010. Os pacientes foram submetidos a uma avaliação psiquiátrica clínica inicial que incluiu coleta de dados sociodemográfico sobre, método de referência, uso específico da Internet, diagnóstico psiquiátrico, e resultados de testes. O tratamento consistiu em sessões psicoterapêuticas individuais.	comórbidos e resposta ao tratamento.	(17,8%). Os pacientes que permaneceram em tratamento (taxa de desistência de 24%) apresentaram melhora geral dos sintomas: 38,6% apresentaram melhora significativa ou média na pontuação da <i>Clinical Global Impression Scale</i> , 26,3% apresentaram melhora mínima e 14% não apresentaram alteração.
5	WÖLFLING, Klaus et al. Comorbid Internet Addiction in Male Clients of Inpatient Addiction Rehabilitation Centers Psychiatric Symptoms and Mental Comorbidity. The Journal of Nervous and Mental Disease . v. 201, n. 11, p. 934-940, nov. 2013	Alemanha	1826 clientes foram pesquisados em 15 centros de reabilitação de pacientes internados. Pacientes do sexo masculino que preencheram os critérios para comorbidade em dependência em internet (n = 71) foram comparados com um grupo controle pareado	Investigar se a dependência em internet é um problema em pacientes em tratamento de dependência	A comorbidade em dependência em internet foi associada a níveis mais altos de sintomas psicossociais, especialmente depressão, sintomas obsessivo-compulsivos e sensibilidade interpessoal. Além disso, os pacientes com dependência em internet preenchiam, com mais frequência, os critérios para transtornos mentais

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			de pacientes, do mesmo sexo da outra amostra, tratados para dependência de álcool que não apresentassem uso dependente da Internet (n = 58).		adicionais. Eles apresentam taxas mais altas de sintomas psiquiátricos, especialmente depressão, e podem necessitar de tratamento terapêutico adicional.
6	FLOROS, Georgios et al. Comorbidity of psychiatric disorders with Internet addiction in a clinical sample: The effect of personality, defense style and psychopathology. Addictive Behaviors . V. 39, p. 1839–1845, 2014.	Grécia	Este é um estudo transversal de uma amostra clínica de estudantes universitários com acesso à Internet, empregando tanto o diagnóstico clínico quanto os resultados de uma bateria de teste de medidas de autorrelato	Contribuir para a compreensão das causas subjacentes ao desenvolvimento do Transtorno de Dependência de Internet (DAI) e avaliar a comorbidade com outros transtornos mentais por meio da análise de dados de uma amostra clínica de universitários que se apresentaram para o tratamento.	A psicopatologia comórbida pode exacerbar a apresentação da DAI através de uma ligação direta, independentemente da estrutura de personalidade subjacente. O clínico que trata pacientes com DAI deve completar uma avaliação clínica para diagnóstico comórbido dos Eixos I e II já que sua presença pode significar uma apresentação mais séria.
7	VIANA, Raquel de Souza; LOURENÇO, Lélío Moura. Estudo Qualitativo Sobre A Depressão E A Ansiedade Social Na Adolescência: Uma Revisão Bibliográfica. Psicologia.pt: O Portal dos Psicólogos . 2017.	Brasil	Busca eletrônica dos artigos indexados nas bases <i>Pubmed</i> e <i>Web of Science</i> , norteada pela associação dos descritores “ <i>Depression</i> ” e “ <i>Adolescent</i> ” com as expressões “ <i>Social Anxiety</i> ” e “ <i>Social</i>	Esclarecer a relação entre depressão, ansiedade social e adolescência, e analisar a produção de artigos sobre os transtornos de depressão e de ansiedade social em adolescentes	No que diz respeito ao tema abordado, a associação entre depressão e ansiedade social esteve ligada também a outras variáveis, tais como: o uso internet, a baixo autoestima, esquemas desadaptativos, o baixo apoio social como fator de risco, a diferença entre os

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			<i>Phobia</i> ” e foram encontrados 11 artigos, publicados em diferentes países.		gêneros, as relações interpessoais e o <i>copping</i>
8	ARIKAN, Emriye Hilal et al. Examination of the Correlation Between Internet Addiction and Social Phobia in Adolescents. Western Journal of Nursing Research . p. 1-15, 2016.	Turquia	Trata-se de um estudo descritivo e transversal, realizado com adolescentes.	Examinar a correlação entre dependência em internet e fobia social	Houve uma correlação positiva entre vício em internet e fobia social. A forma do tempo gasto na <i>Internet</i> foi examinada em termos de dependência e fobia social. Embora a dependência em internet estivesse relacionada a jogos, sites de namoro e navegação na web, a fobia social estava relacionada a lições de casa, jogos e navegação na web. Foi hipotetizado que os adolescentes com fobia social eram dependentes em Internet, e os participantes usavam a Internet para ocupar o tempo em vez de socializar.
9	ALAVI, Seyyed Salman et al. Impact of Addiction to Internet on a Number of Psychiatric Symptoms in Students of Isfahan Universities, Iran, 2010. Int J Prev Med . V. 3, n. 2, p. 122–127. Fev. 2012	Irã	Este estudo transversal foi conduzido entre 250 estudantes selecionados por meio de amostragem de cotas de universidades em Isfahan, Irã. Os participantes	Este estudo teve como objetivo investigar o impacto da dependência de internet em alguns sintomas psiquiátricos entre estudantes universitários.	Houve diferenças significativas entre as médias dos sintomas psiquiátricos em todas as subescalas do SCL-90-R e Índice de Severidade Global, Índice de Sintomas Positivos, Total de Sintomas Positivos nos indivíduos

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			preencheram o questionário demográfico, o <i>Young Diagnostic Questionnaire</i> , o <i>Internet Addiction Test</i> e o <i>Symptom Checklist-90-Revision</i> (SCL-90-R).		dependentes e não dependentes. Além disso, o vício em internet (com o controle de variáveis sexuais) pareceu afetar os sintomas psiquiátricos.
10	BERNARDI, Silvia; PALLANTI, Stefano. Internet addiction: a descriptive clinical study focusing on comorbidities and dissociative symptoms. Comprehensive Psychiatry . V. 50, p. 510–516, 2009	Estados Unidos da América e Itália	Dada a escassez de conhecimento sobre a Dependência em Internet, realizamos uma análise clínica descritiva de pacientes com foco em características clínicas, demográficas e comórbidas.	Avaliar os sintomas dissociativos e sua associação com a incapacidade para dependência da Internet	De um ponto de vista fenomenológico, a dependência em Internet nesta amostra de população parece ser mais compulsória do que recompensadora ou motivada pelo humor. Sintomas dissociativos estão relacionados à gravidade e ao impacto da Dependência em Internet
11	KUSS, D. J. et al. Internet Addiction: A Systematic Review of Epidemiological Research for the Last Decade. Current Pharmaceutical Design . V. 20, p. 4026-4052, 2014	Reino Unido, França e Bélgica	Pesquisa bibliográfica realizada utilizando o banco de dados <i>Web of Science</i> . Esse banco de dados foi utilizado por ser mais abrangente do que outros bancos de dados comumente usados, como o <i>Psycinfo</i> ou o <i>PubMed</i> .	Examinar ferramentas e conceitos de avaliação, prevalência e fatores associados em adolescentes e adultos sobre dependência em internet.	Os resultados indicam que vários sintomas centrais parecem relevantes para o diagnóstico, que assimila a dependência em internet a outros transtornos aditivos.

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
12	KOÇ, Mustafa. Internet Addiction And Psychopatology. TOJET: The Turkish Online Journal of Educational Technology . V. 10, n. 1, Jan., 2011	Turquia	O estudo foi baseado em dados retirados de uma pesquisa nacional de estudantes universitários na Turquia. 174 estudantes universitários completaram a escala SCL-90-R e Addicted Internet Users Inventory	Examinar as relações entre a dependência em internet e a psicopatologia de estudantes universitários na Turquia.	Os resultados mostram que os estudantes que usam a internet seis horas ou mais por dia têm sintomas psiquiátricos. Alunos cujo uso da internet é dependente possuem sintomas psiquiátricos como Somatização, Obsessivo Compulsivo, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóica e psicoticismo, mais do que estudantes cujo uso da Internet não é permitido.
13	TARANTO, Francesco et al. Internet Addiction Disorder in a Sample of 402 High School Students. Psychiatr. Pol. , v. 49, n. 2, p. 255–263, 2015.	Itália	A pesquisa foi conduzida de acordo com a Declaração de Helsinque. As avaliações administradas neste estudo consistiram em três partes: 1) coletar informações sobre dados gerais e pessoais dos sujeitos; 2) o Internet Addiction questionnaire proposto por Ko, composto por 9	Avaliar a prevalência de dependência em <i>internet</i> em uma amostra de estudantes do ensino médio na Itália. Também explorar a relação entre a fobia social e o diagnóstico de dependência em <i>internet</i> . Por fim, investigar a associação entre dependência em <i>internet</i> e uso indevido de substâncias	19 de 402 indivíduos (ou seja, 4,7% da amostra) preencheram os critérios diagnósticos para dependência da Internet, mostrando uma leve predominância do sexo masculino. 10,9% dos indivíduos preencheram os critérios diagnósticos para um transtorno do espectro da fobia social. Seis sujeitos com dependência em internet (31,8%) também foram

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			áreas diferentes; 3) o questionário sobre o tempo de vida do Social Anxiety Spectrum Self-Report (SHY-SR)		diagnosticados com uma condição de espectro de fobia social. Dentro do grupo de estudantes diagnosticados com dependência de internet, 4 (21,05%) indivíduos relataram uso atual ou passado de drogas.
14	TONIONI, Federico et al. Internet addiction: hours spent online, behaviors and psychological symptoms. General Hospital Psychiatry . V. 34, p. 80–87, 2012	Itália	86 sujeitos participaram do estudo. 33 pacientes que pediram consulta psiquiátrica sobre o uso excessivo da internet foram avaliados com <i>Internet Addiction Disorder interview</i> , <i>Internet Addiction Test</i> (IAT), <i>Symptom Checklist-90-Revised</i> (SCL-90-R) e um breve levantamento sociodemográfico. Além disso, os pacientes tiveram que responder à seguinte pergunta: No último mês, quanto tempo você passou on-line por semana?	O objetivo deste estudo foi investigar sintomas psicopatológicos, comportamentos e horas passadas <i>online</i> em pacientes com Transtorno de dependência de <i>internet</i> em um novo serviço psiquiátrico para dependentes em <i>Internet</i> dentro de uma policlínica.	Os resultados sugerem que o uso indevido da Internet, caracterizado por muitas horas gastas <i>online</i> , evitando relacionamentos interpessoais com pessoas reais e conhecidas, pode ser um critério importante na entrevista clínica para diagnosticar o Transtorno de Dependência pela Internet. A associação entre o interesse perdido em se comunicar com pessoas reais e sintomas psicológicos como ansiedade e depressão pode ser relevante para detectar pacientes dependentes em <i>internet</i> .
15	WEINSTEIN, Aviv et al. Internet addiction is associated with social anxiety in young	Israel	Foi investigada a associação entre dependência em internet	O objetivo neste estudo foi avaliar a dependência em internet e a ansiedade social	Os resultados do estudo confirmam evidências anteriores de co-ocorrência da

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
	adults. Annals of Clinical Psychiatry , vol. 27, n. 1, fev. 2015.		e ansiedade social em duas amostras de 120 estudantes universitários (60 homens e 60 mulheres em cada amostra).	em duas coortes de estudantes universitários em Israel.	dependência em internet e ansiedade social, mas estudos adicionais precisam esclarecer essa associação.
16	WEINSTEIN, Aviv; LEJOYEUX Michel. Internet Addiction or Excessive Internet Use. The American Journal of Drug and Alcohol Abuse . V. 36, n. 5, p. 277-283, 2010.	Estados Unidos da América	Revisão de literatura publicada entre 2000-2009 no <i>Medline</i> e <i>PubMed</i> usando o termo “ <i>internet addiction</i> ”.	Revisar a literatura sobre os tópicos de diagnóstico, fenomenologia, epidemiologia e tratamento a respeito da dependência em internet	Embora os indivíduos dependentes da Internet tenham dificuldade em suprimir seus excessivos comportamentos online na vida real, pouco se sabe sobre os mecanismos cognitivos e fisiopatológicos responsáveis pela dependência da Internet. Devido à falta de pesquisas metodologicamente adequadas, atualmente é impossível recomendar qualquer tratamento baseado em evidências da dependência em Internet.
17	KING, Anna Lucia Spear, et al. Nomophobia: Clinical and Demographic Profile of Social Network Excessive Users. J Addict Res Ther . V. 8, n. 4, p. 339, 2017.	Brasil	Estudo descritivo e quantitativo realizado por 18 meses, utilizando instrumentos específicos, avaliou 113 voluntários que apresentavam uso diário abusivo de novas tecnologias	Nosso enfoque pretende definir o perfil psicopatológico e sociodemográfico dos usuários que apresentam uso abusivo diário das novas tecnologias (computador, internet e celular) bem como apontar a diferença entre os	Os usuários que apresentaram maior uso abusivo diário dessas tecnologias foram as mulheres (69%), com idades entre 18 e 29 anos. O perfil psicopatológico revelou que dentro dos transtornos mentais pesquisados, o maior percentual foi o transtorno de

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			(computador, internet e celular), sendo 72 indivíduos com algum transtorno associado e 41 indivíduos do grupo controle sem transtornos. Para ambos os grupos, oferecemos orientação para o uso consciente das tecnologias, bem como tratamentos médicos e psicológicos.	indivíduos patologicamente dependentes destas ferramentas..	ansiedade generalizada (85%), após o mesmo, o de pânico (51%), agorafobia (49%), depressão (43%), fobia social (15%, transtorno obsessivo compulsivo (13%), estresse pós-traumático (6%) e anorexia (1%)
18	KING, Anna Lucia Spear, et al. Nomophobia: Dependency on virtual environments or social phobia?. Computers in Human Behavior . V. 29, p. 140–144, 2013.	Brasil	O tratamento consistiu no uso de medicamentos, terapia cognitivo-comportamental (TCC) e aplicação de instrumentos de avaliação (entrevistas, escalas, inventários e questionários).	Estudar a nomofobia como um comportamento manifesto que pode servir como indicação de um possível transtorno de ansiedade	O indivíduo respondeu satisfatoriamente ao tratamento com medicação e TCC, o que reduziu seu tempo de uso do computador pessoal e aumentou sua exposição a situações da vida real. O comportamento nomofóbico produz mudanças nos hábitos cotidianos e pode revelar outros aspectos a serem investigados, como a presença de transtornos mentais comórbidos.
19	KING, Anna Lucia Spear, et al. Nomophobia: The Mobile Phone in Panic Disorder With Agoraphobia Reducing Phobias	Brasil	Apresentamos o relato de caso de um paciente que mantém seu celular por perto continuamente	Neste relatório, apresentado e discutido uma hipótese para o desenvolvimento de dependência do celular em	O paciente foi tratado com medicação e psicoterapia cognitivo-comportamental. Ele permaneceu

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
	or Worsening of Dependence?. Cog Behav Neurol. Vol. 23, N. 1, Mar. 2010.		desde 1995, devido a sua enorme necessidade de se sentir seguro e poder chamar imediatamente os serviços de emergência e as pessoas em quem confia, caso se sintam doentes.	indivíduos com transtorno do pânico e Agorafobia.	assintomático por 4 anos. O paciente mostrou melhora médica significativa em seu transtorno de pânico e fobias, mas não houve mudança na sua nomofobia. O caso apresentado ilustra a dependência de um indivíduo com transtorno de pânico em seu celular. Uma abordagem específica para essa dependência deve ser usada em alguns pacientes com transtorno do pânico.
20	DONG, Guangheng et al. Precursor or Sequela: Pathological Disorders in People with Internet Addiction Disorder. PLoS ONE. V. 6, n. 2, 2011	China	59 alunos foram medidos pelo <i>Symptom Checklist-90</i> antes e depois de se tornarem dependentes em Internet. Uma comparação entre os dados coletados do <i>Symptom Checklist-90</i> antes da dependência e os dados coletados após a dependência na Internet ilustrou os papéis dos transtornos patológicos entre pessoas com	Este estudo teve como objetivo avaliar os papéis dos distúrbios patológicos no Transtorno de dependência de internet e identificar os problemas patológicos nesta dependência, bem como explorar o estado mental destes indivíduos antes da dependência, incluindo os traços patológicos que podem desencadear o distúrbio.	Não foi possível identificar um preditor patológico sólido para o transtorno de dependência em internet. O transtorno de dependência em internet pode trazer alguns problemas patológicos de alguma maneira

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			dependência em internet.		
21	KO, Chih-Hung et al. Predictive Values of Psychiatric Symptoms for Internet Addiction in Adolescents. Arch Pediatr Adolesc Med. V. 163, n. 10, p. 937-943, 2009.	Taiwan	A dependência em internet, a depressão, o déficit de atenção /transtorno de hiperatividade, a fobia social e a hostilidade foram avaliadas por meio de questionários autorreferidos. Os participantes foram então convidados a serem avaliados para a dependência em Internet em três momentos (6, 12, e 24 meses depois) (a segunda, terceira e quarta avaliações, respectivamente).	Avaliar os valores preditivos de sintomas psiquiátricos para a ocorrência de dependência de Internet e determinar as diferenças entre os sexos no valor preditivo de sintomas psiquiátricos para a ocorrência de dependência da Internet em adolescentes.	Estes resultados sugerem que o transtorno de déficit de atenção / hiperatividade, hostilidade, depressão e fobia social devem ser detectados precocemente e intervenções devem ser realizadas para prevenir a dependência em Internet em adolescentes. Além disso, as diferenças entre os sexos na comorbidade psiquiátrica devem ser levadas em consideração ao desenvolver estratégias de prevenção e intervenção para a dependência em Internet.
22	BOZKURT, Hasan. Prevalence and patterns of psychiatric disorders in referred adolescents with Internet addiction. Psychiatry and Clinical Neurosciences ; v. 67, p. 352–359, 2013.	Turquia	Os indivíduos foram retirados de uma amostra de pacientes, com idades entre 10 e 18 anos, encaminhados ao Departamento de Psiquiatria de Crianças e Adolescentes de Istambul devido a uma variedade de problemas comportamentais e	Investigar prevalência e padrões de transtornos psiquiátricos em jovens com dependência de internet.	Altas taxas de comorbidade psiquiátrica, particularmente transtornos de comportamento, ansiedade e humor foram encontradas em jovens com dependência de internet. Como a presença de distúrbios psiquiátricos pode afetar o manejo / prognóstico da dependência em internet, a avaliação deve incluir a de

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			emocionais associados ao uso problemático da Internet. Os critérios de inclusão incluíram QI 70 e pontuação 80 na Young's Internet Addiction Scale (YIAS)		outros transtornos psiquiátricos.
23	FARAHANI, Malihe et al. Psychological Factors Including Demographic Features, Mental Illnesses, and Personality Disorders as Predictors in Internet Addiction Disorder. Iran J Psychiatry . V. 13, n. 2, p. 103-110, 2018	Irã	401 estudantes foram recrutados usando a técnica de amostragem estratificada. Os mesmos foram selecionados entre estudantes de 4 universidades em Teerã e Karaj, Irã, durante 2016 e 2017. Internet Addiction Test (IAT), Millon Clinical Multiaxial Inventory - Third Edition (MCMI-III), Structured Clinical Interview for DSM (SCID-I) e entrevistas semiestruturadas foram usadas para diagnosticar a dependência em internet.	O uso problemático da internet é um importante problema social entre os adolescentes e se tornou um problema de saúde global. Este estudo identificou preditores e padrões de uso problemático de internet entre estudantes adultos.	Os resultados deste estudo revelaram que alguns transtornos mentais afetam a dependência em internet. Considerando a sensibilidade e importância do ciberespaço, é necessário avaliar os transtornos mentais que se correlacionam com esta dependência.
24	Yen, Ju-Yu et al. Social Anxiety in Online and Real-Life Interaction and Their	Taiwan	Ansiedade social foi comparada entre interação online e vida	Gravidade da ansiedade social na vida real e interação online foram	Os resultados mostraram que a ansiedade social era menor quando os indivíduos

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
	Associated Factors. Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking . Vol. 15, N. 1, 2012.		real em uma amostra de 2.348 estudantes universitários	testadas para identificar associações com depressão, dependência em Internet, outros tipos de atividade de Internet (jogos versus bate-papo) e pontuações em sistema de inibição comportamental (BIS) / sistema de ativação comportamental (BAS)	interagiam <i>online</i> do que quando interagiam offline. Depressão, dependência da <i>Internet</i> e altos escores de BIS e BAS foram associados com alta ansiedade social
25	UYSAL, Şengül et al. Social Phobia in Higher Education: The Influence of Nomophobia on Social Phobia. The Global Elearning Journal . V. 5, n. 2, 2016.	Turquia	A pesquisa foi realizada através do método de pesquisa relacional e das abordagens do questionário sobre a população de pesquisa, ou seja, estudantes do ensino superior da ESOGÜ.	O objetivo do estudo foi determinar o nível de comportamentos nomofóbicos e sociofóbicos de adultos jovens e considerar até que ponto a nomofobia está relacionada à fobia social.	A pesquisa concluiu que o comportamento nomofóbico de adultos jovens prevê seus níveis de fobia social em pequena escala. Ou seja, quando o nível de nomofobia aumenta, seu nível de fobia social é previsível com o aumento em questão.
26	Ho, Roger C. et al. The association between internet addiction and psychiatric comorbidity: a meta-analysis. B.M.C. Psychiatry , v. 14, n. 183, 2014	China	Meta-análises foram realizadas em estudos transversais, caso-controle e estudos de coorte que examinaram a relação entre dependência em internet e comorbidade psiquiátrica.	Este estudo avalia a associação entre dependência de internet e comorbidade psiquiátrica na literatura.	A dependência em internet está significativamente associada ao abuso de álcool, déficit de atenção e hiperatividade, depressão e ansiedade.
27	KO, C. H. et al. The association between Internet addiction and psychiatric disorder: A review	Taiwan	Revisão de literatura no banco de dados <i>PubMed</i>	Recrutar artigos que mencionam transtornos	A revisão pode sugerir que os transtornos psiquiátricos combinados (transtorno por

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
	of the literature. European Psychiatry . V. 27, p. 1–8, 2012.		em 3 de novembro de 2009.	psiquiátricos coexistentes da dependência em <i>Internet</i> .	uso de substâncias, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, depressão, hostilidade e transtorno de ansiedade social) devem ser avaliados e tratados para prevenir seu efeito deteriorador no prognóstico da dependência em <i>Internet</i> . Por outro lado, a dependência em internet deve receber mais atenção ao tratar pessoas com esses transtornos psiquiátricos coexistentes.
28	ALAVI, Seyyed Salman et al. The effect of psychiatric symptoms on the internet addiction disorder in Isfahan's University students. J Res Med Sci . V. 16, n. 6, p. 793–800, jun. 2011.	Irã	Um desenho transversal foi utilizado neste estudo. Com base na amostragem estratificada, um total de 250 estudantes foram selecionados aleatoriamente de quatro universidades, incluindo a Universidade de Isfahan, a Universidade de Ciências Médicas de Isfahan, a Universidade Islâmica de Azad e a Universidade de Tecnologia de Isfahan.	O objetivo deste estudo foi determinar a associação de sintomas psiquiátricos com dependência da <i>Internet</i> , controlando os efeitos de variáveis demográficas, como idade, sexo, estado civil e nível educacional.	O estudo alerta sobre a necessidade de os psiquiatras e psicólogos que atuam no campo da saúde mental estarem cientes dos problemas mentais causados pela dependência da <i>Internet</i> , como ansiedade, depressão, agressão, trabalho e insatisfação educacional. Também deve ser dado uma maior atenção a este fenômeno crescente e do papel que a psicologia pode ter na abordagem do uso e abuso da <i>Internet</i> . Os problemas causados pelo uso

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			Os participantes eram estudantes que usaram a Internet pelo menos uma vez por semana nos últimos 6 meses.		da Internet mostram que é necessário melhorar a cultura de uso efetivo da Internet na sociedade e nas famílias.
29	KO, Chih-Hung et al. The exacerbation of depression, hostility, and social anxiety in the course of internet addiction among adolescents: a prospective study, Comprehensive Psychiatry , 2014.	Taiwan	Este estudo recrutou 2293 adolescentes no 7º ano para avaliar sua depressão, hostilidade, ansiedade social e dependência em internet. As mesmas avaliações foram repetidas um ano depois. O grupo de incidência foi definido como indivíduos classificados como não dependentes na primeira avaliação e como dependentes na segunda avaliação. O grupo de remissão foi definido como inverso ao grupo incidência.	Este estudo teve como objetivo avaliar o aumento da depressão, hostilidade e ansiedade social no decorrer da dependência de internet ou remissão da dependência de Internet entre adolescentes.	Depressão e hostilidade se agravam no processo de dependência da internet entre adolescentes. A intervenção sobre a dependência deve ser fornecida para evitar seu efeito negativo na saúde mental. Depressão, hostilidade e ansiedade social diminuíram no processo de remissão. O estudo sugeriu que as consequências negativas poderiam ser revertidas se a dependência em internet pudesse ser remetida dentro de um curto período de tempo.
30	LONG, Elizabeth C. et al. The Genetic and Environmental Contributions to Internet Use and Associations With Psychopathology: A Twin Study. Twin Research and	Estados Unidos da América e Austrália.	A amostra incluiu 2.059 gêmeos adultos jovens monozigóticos e dizigóticos do Brisbane Longitudinal Twin Study (BLTS).	Explorar a etiologia genética e ambiental de mensurações de uso da internet e suas associações com transtornos internalizantes e transtornos por uso de substâncias.	Diferenças individuais no uso da internet podem ser atribuídas a diferentes graus de riscos genéticos e ambientais. Apesar de algumas associações

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
	Human Genetics . Vol. 19 N. 1 p. 1–9, 2015.				significativas de pequeno efeito, a variação no uso da internet parece, em grande parte, não relacionada à psicopatologia.
31	CHOW, Monica; BLASZCZYNSKI, Carol. The Global Rise of Nomophobia: Present and Future Workplace Considerations. Journal for Global Business Education . V. 13, 2014.	Estados Unidos da América	Revisão de literatura.	O objetivo deste artigo é fornecer informações básicas sobre a nomofobia, a prevalência da nomofobia entre culturas, as semelhanças e diferenças na nomofobia entre culturas e gerações e o papel da nomofobia nas interrupções do ambiente de trabalho.	As pesquisas citadas neste artigo revelam que a nomofobia é experimentada globalmente por membros de culturas que são classificadas tanto como contexto alto quanto contexto baixo. Diferenças maiores ocorreram em comportamentos nomfóbicos entre gerações do que em comportamentos nomofóbicos entre culturas.
32	KHOSHAKHLAGH, Hasan; FARAMARZI, Salar. The Relationship of Emotional Intelligence and Mental Disorders with Internet Addiction in Internet Users University Students. Addict Health . V. 4, n. 3-4, p. 133-141, 2012.	Irã	O método de estudo foi descritivo-piloto e correlação. Duzentos usuários de internet (homens e mulheres) da Universidade de Isfahan e da Universidade de Tecnologia de Isfahan foram selecionados aleatoriamente. Para coleta de dados utilizou-se o <i>Carson's emotional intelligence</i>	Este estudo teve como objetivo avaliar a relação entre inteligência emocional e transtornos mentais, com a dependência em internet em estudantes universitários.	Os resultados mostraram uma correlação entre inteligência emocional e transtornos mentais com a dependência em internet. Os resultados podem ajudar terapeutas, psicólogos e conselheiros na prestação de serviços para ajudar os dependentes em internet.

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			<i>Questionnaire</i> , SCL-90 scale and Internet Addiction Test. A análise dos dados foi implementada pelo método estatístico de regressão multivariada.		
33	CHIAO, Chi; CHIU, Chiung-Hui. The relationships between ICT use and life quality among children with social phobia. International Conference on Teaching, Assessment, and Learning for Engineering . 2016	Taiwan	Este estudo pesquisou 149 estudantes de Taiwan usando questionários de autorrelato.	O objetivo deste estudo foi examinar os padrões de uso de Tecnologia de Informação e Comunicação de alunos do ensino fundamental com fobia social e a correlação de seu uso e qualidade de vida.	Os resultados mostram que os usos mais frequentes das Tecnologias de Informação e Comunicação pelas estudantes socialmente fóbicas foram para comunicação e entretenimento. Relações positivas foram confirmadas entre o uso de Tecnologia de Informação e Comunicação e os aspectos psicológicos e de relacionamento social da qualidade de vida.
34	SEVELKO, Katrin. et al. The role of self-esteem in Internet addiction within the context of comorbid mental disorders: Findings from a general population-based sample. Journal of Behavioral Addictions . v. 7, n. 4, p. 976–984, 2018.	Alemanha	A amostra deste estudo é baseada em uma pesquisa geral da população. Compulsive Internet Use Scale, todos os participantes com pontuação elevada de uso da Internet foram selecionados e convidados para uma	Este estudo tem como objetivo analisar o impacto relativo da autoestima e da psicopatologia comórbida com a dependência em internet ao longo da vida em uma amostra populacional de usuários que apresentam uso excessivo da Internet utilizando diagnósticos	A autoestima estava associada ao vício em internet, mesmo após o ajuste para transtornos por uso de substâncias, transtorno de humor e transtorno alimentar. A autoestima e a psicopatologia devem ser consideradas na prevenção, medidas de intervenção, bem

Nº	Referência	País	Método	Objetivo	Resultado
			entrevista de acompanhamento.	clínicos avaliados em uma entrevista pessoal.	como na concepção de modelos etiológicos